

**UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA – UNOESC
CAMPUS DE SÃO MIGUEL DO OESTE
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTETERAPIA, EDUCAÇÃO E SAÚDE**

JHEIMI CORONETTI

**TECENDO EMOÇÕES: A LINGUAGEM VISUAL COMO PROCESSO DE
INTEIREZA E INTEGRIDADE DO SER**

SÃO MIGUEL DO OESTE, SC

2015

JHEIMI CORONETTI

TECENDO EMOÇÕES: A LINGUAGEM VISUAL COMO PROCESSO DE INTEIREZA E
INTEGRIDADE DO SER

Monografia apresentada à UNOESC – Universidade do Oeste de Santa Catarina – *Campus* de São Miguel do Oeste, como requisito para a obtenção do grau de especialista no curso de Pós-graduação, nível de especialização em Arteterapia, educação e saúde.

Professora Orientadora: Ms. Marilei Teresinha Dal’Vesco

São Miguel do Oeste, SC

2015

Dedico esta monografia primeiramente a Deus e à minha família, pela fé e confiança demonstrada.

Aos professores, pelo simples fato de estarem dispostos a ensinar.

À minha orientadora, pelo incentivo, paciência e sensibilidade demonstradas no decorrer deste trabalho.

Enfim, a todos que, de alguma forma, tornaram este caminho mais fácil de ser percorrido.

AGRADECIMENTOS

Mais uma etapa especial em minha vida está sendo concretizada, a especialização. E neste momento tão gratificante tenho somente a agradecer às pessoas que estiveram presentes em mais uma conquista acadêmica, e que foram, sem sombra de dúvidas, muito importantes na realização deste sonho.

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus, pelas oportunidades concedidas.

A todos os professores, em especial à minha orientadora Marilei, por acreditar em mim e ser a maior responsável pela concretização desse sonho. Agradeço por transmitir seus conhecimentos, por me apresentar um caminho tão maravilhoso, sensível e cheio de possibilidades como a arteterapia, pela sua amizade, pela paciência, e pelos ensinamentos que levarei para sempre comigo.

Aos meus pais, Ari e Carmem, e ao meu marido Paulo, por todo apoio, força, orações e incentivos para que eu não desistisse dos meus sonhos e continuasse me realizando profissionalmente.

À Casa Lar Aprisco, por me receber, e à participante do estágio, que foi de extrema importância para a materialização deste trabalho.

Ao programa de bolsas, fundo de apoio à manutenção e ao desenvolvimento da educação superior – FUMDES pelo amparo financeiro durante 18 meses, auxílio muito valioso, certamente cumpre sua função social.

A todos, meu muito obrigada!

Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.

Carl Gustav Jung

RESUMO

A modernidade, com seus avanços tecnológicos e científicos, trouxe facilidades e conforto para a vida humana. No entanto, originou mudanças na sociedade, influenciando diretamente no estilo de vida e no comportamento do ser humano. Diante dessa realidade, percebemos que estas transformações têm gerado certo desconforto social. As exigências e desafios encontrados na vida diária são grandes, e as pessoas, na sua grande maioria, não conseguem dar conta de tudo, desenvolvendo, desse modo, problemas emocionais, como baixa autoestima, ansiedade, estresse, depressão, violência, medo, entre tantos outros sentimentos que estão atingindo pessoas de todas as idades e classes sociais. Para manter a qualidade de vida frente a essas circunstâncias, é possível realizar tratamentos terapêuticos, a fim de compreender e lidar melhor com certas situações traumáticas. Assim, desenvolvemos este estudo, que aborda reflexões sobre os benefícios das vivências arteterapêuticas na vida de crianças e adolescentes, sob o tema “Tecendo emoções: A linguagem visual como processo de inteireza e integridade do ser”, onde se busca compreender a importância da arteterapia como forma de intervenção terapêutica para tratar problemas emocionais, suas causas e consequências, contribuindo no reestabelecimento da saúde, do equilíbrio físico, mental e emocional do indivíduo. Devido à sua flexibilidade e acessibilidade, a arteterapia, em suas múltiplas linguagens, pode influenciar significativamente na melhora da qualidade de vida de crianças e adolescentes, pois o fazer artístico desperta a criatividade, a espontaneidade e a fluidez de forma absoluta e natural, promovendo o encontro do sujeito para consigo mesmo, de maneira mais suave, sem o uso de métodos invasivos, melhorando gradativamente sua autoestima, aliviando o estresse, estimulando a autonomia, atuando com um catalizador e fortalecedor do ego. O estudo teórico parte das concepções de autores que discorrem sobre a necessidade de estimular e trazer os conteúdos subjetivos do ser humano, muitas vezes reprimidos, para o plano concreto, por meio de vivências arteterapêuticas, a fim de contribuir no processo de autoconhecimento, na superação de obstáculos, na minimização de traumas, enfim, na reestruturação física, mental e emocional do ser. A pesquisa de campo possibilitou-nos compreender as inúmeras possibilidades das artes visuais enquanto terapia como um meio de expressão de grande importância no processo de reorganização dos conteúdos internos e transformação pessoal.

Palavras chave: Arteterapia. Artes visuais. Crianças e adolescentes.

ABSTRACT

Modernity with its technological and scientific advances has brought facilities and comfort to human life. However it has also originated changes in society that influence directly the human lifestyle and behavior. Given this reality, we realize that these changes have generated some social discomfort. The requirements and challenges encountered in everyday life are great and the majority of people cannot handle it all, thereby developing emotional problems like low self-esteem, anxiety, stress, depression, violence, fear, among many other feelings that affect people of all ages and social status. In order to maintain the quality of life in face of this situation it is possible to perform therapeutic treatments that may help individuals better understand and cope with these traumatic situations. Thereby, we developed this study that addresses reflections on the benefits of art therapeutic experiences in the lives of children and adolescents under the theme "Weaving emotions: The visual language as a process of wholeness and integrity of the being", which seeks to understand the importance of art therapy as a form of therapeutic intervention to treat emotional problems, their causes and consequences, contributing to the reestablishment of the physical health and the mental and emotional balance of the individual. Due to its flexibility and accessibility, art therapy in its many languages can significantly influence the improvement of the quality of life of children and adolescents because the artistic practices awaken creativity, spontaneity and fluidity in an absolute and natural form, promoting the meeting of the subjects with themselves in a smooth manner, without using invasive methods, gradually improving their self-esteem, relieving stress, encouraging autonomy, working as a catalyst, strengthening the ego. The theoretical study is based on the concepts of authors who talk about the need to stimulate and bring into the concrete plan the subjective contents of the human being, which are often repressed. It can happen through art therapeutic experiences that contribute to the self-knowledge process, the overcoming of obstacles, the minimization of trauma, that is, the physical, mental and emotional restructuring of the being. The field research allowed us to understand the many possibilities of visual arts as a therapy working as a means of expression of major importance in the process of reorganization of internal content and personal transformation.

Keywords: Art Therapy. Visual arts. Children and adolescents.

LISTA DE FIGURAS

Fotografia 01	Desenho de Bela jogando futebol.....	29
Fotografia 02	Desenho de Bela com o pai na janela.....	30
Fotografia 03	Matriz com bandejinha de isopor.....	32
Fotografia 04	Secagem da impressão da sacola.....	33
Fotografia 05	Sacola impressa e diário.....	34
Fotografia 06	Desenho referente ao relaxamento induzido.....	37
Fotografia 07	Atividade escrevendo palavras em corações de papel.....	37
Fotografia 08	Palavras que alegram o coração.....	38
Fotografia 09	Plantio de uma muda de Flor.....	38
Fotografia 10	Técnica de relaxamento.....	40
Fotografia 11	Pintura com guache a dedo.....	41
Fotografia 12	Pintura com guache, a dedo, finalizada.....	42
Fotografia 13	Mandala - Iniciando a montagem das sementes.....	43
Fotografia 14	Mandala da Vida.....	44
Fotografia 15	Técnica de nanquim soprado.....	45
Fotografia 16	Cartaz com nanquim soprado finalizada.....	46
Fotografia 17	Pintura das pedras brancas.....	47
Fotografia 18	Pedras pintadas.....	47
Fotografia 19	Quadro Finalizado.....	47
Fotografia 20	Cartaz dos sonhos.....	49
Fotografia 21	Colar dos desejos.....	49
Fotografia 22	Amuleto.....	50
Fotografia 23	Raspando giz colorido no sal.....	52
Fotografia 24	Raspando giz colorido no sal.....	52
Fotografia 25	Sensibilização com novelo de lã.....	56
Fotografia 26	Construção do “Olho de Deus”.....	57
Fotografia 27	“Olho de Deus” finalizado.....	58
Fotografia 28	Técnica de relaxamento.....	59
Fotografia 29	Areia colorida sobre o papel.....	60
Fotografia 30	Desenho/colagem a partir da emoção provocada pela música.....	60
Fotografia 31	Modelagem a partir de um conto.....	62

Fotografia 32	Técnica com cera.....	64
Fotografia 33	Técnica-mandala com cera.....	65
Fotografia 34	Mandala com cera.....	65
Fotografia 35	Caixa para Mandala em dobradura.....	66
Fotografia 36	Carta de Bela.....	66
Fotografia 37	Misturando ingredientes.....	67
Fotografia 38	Confraternização Final.....	68

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	ARTETERAPIA E SUA FUNÇÃO TERAPÊUTICA.....	15
2.1	CONCEPÇÃO DE ARTETERAPIA.....	15
2.2	ARTETERAPIA ENTRELAÇADA COM ARTES VISUAIS.....	21
2.21	Arte como forma de ressignificação.....	21
3	DIÁLOGOS REFLEXIVOS SOBRE O CAMINHO PERCORRIDO NAS VIVÊNCIAS ARTETERAPÊUTICAS.....	28
3.1	ARTETERAPIA COMO UM MEIO DE EXPRESSÃO, RECONHECIMENTO E RESSIGNIFICAÇÃO DO “EU” INTERIOR.....	28
3.1.1	Relatos das vivências Arteterapêuticas.....	28
3.1.1.1	Desvelando uma história de vida - eu e as coisas que gosto.....	28
3.1.1.2	Abrindo a Janela da Alma – Meus gostos X Minha vida.....	31
3.1.1.3	Alegrando o Jardim interior.....	34
3.1.1.4	Colorindo a vida.....	40
3.1.1.5	Transformando as dificuldades em aprendizado.....	44
3.1.1.6	Simbolizando os sonhos.....	48
3.1.1.7	Cultivando a paz interior.....	51
3.1.1.8	Olhos de Deus.....	53
3.1.1.9	Ouvindo contos e modelando a vida.....	59
3.1.1.10	Fortalecendo as amizades.....	62
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71

1 INTRODUÇÃO

A Arteterapia iniciou sua história nos países europeus e, aos poucos, foi se difundindo para outros lugares do mundo, conquistando gradualmente o seu espaço. No Brasil, a história da Arteterapia surgiu na primeira metade do século passado, representada inicialmente por alguns médicos psiquiatras, como Osório Cezar e Nise da Silveira, que contribuíram significativamente ao realizarem estudos de grande relevância para a valorização da Arteterapia, dando impulso ao uso das artes no processo terapêutico. Nise da Silveira apoiou-se na psicologia analítica de Carl Gustav Jung, de onde emanou uma das mais importantes abordagens em Arteterapia, de cujos conceitos principais iremos tratar nesse estudo.

O uso da arte como instrumento terapêutico na transformação da realidade interna e externa do ser humano foi se desenvolvendo a passos largos, auferindo outras molduras teóricas e ganhando progressivamente um espaço para além das clínicas.

As criações expressivas neste campo não possuem uma finalidade estética, isto é, a produção artística não é realizada e analisada por seu valor estético, como obra de arte. A proposta primordial da Arteterapia é a sua atuação preventiva, com o intento de organizar o caos interior do ser humano, desempenhando, assim, sua função catártica.

Para Silveira (2001), as produções artísticas carregam um valor terapêutico em si mesmas, pois dão forma aos sentimentos e emoções que encontram-se desordenados, despotencializando-os, criando forças autocurativas que se movem em direção à consciência e à realidade do indivíduo.

A Arteterapia pode ser entendida como uma modalidade não convencional utilizada no tratamento para determinados problemas emocionais. Na terapia normal, o processo acontece por meio da intervenção verbal. Já a Arteterapia utiliza-se do fazer artístico, em suas diferentes linguagens, como a música, desenhos, colagens, modelagens, desenvolvimento de artesanatos, contação de histórias, jogos, teatro, etc., como uma possibilidade de comunicação simbólica. Portanto, a Arteterapia utiliza a arte como uma forma de conexão com o mundo interior do ser humano, a fim de organizar os conteúdos reprimidos, aliviando conflitos internos a partir da comunicação não verbal, auxiliando no desenvolvimento humano.

A arte sempre esteve presente em nossa história. As primeiras manifestações da vida humana que temos conhecimento se deram por meio de desenhos, gravuras e esculturas realizadas pelas civilizações primitivas, a fim de representar suas intenções, crenças e emoções.

Assim, por ser a arte uma expressão natural do ser humano, o indivíduo, impulsionado pelo estímulo artístico, entra em contato com seu “eu” interior, podendo, a partir de suas manifestações, ampliar o conhecimento de si mesmo e dos outros, aumentando sua autoestima, aprendendo a lidar melhor com situações e experiências traumáticas, evoluindo, portanto, em favor da sua saúde.

Em tempos de grandes transformações, como o que vivemos hoje, é extremamente importante que aprendamos a nos conhecer. A vida moderna exige muito das pessoas. Tudo a nossa volta demanda mais atenção, mais dedicação, respostas mais rápidas. Entretanto, nem sempre estamos preparados para lidar com tantos fatores, surgindo, assim, as tensões emocionais, e com elas sintomas de cansaço físico, dores, estresse, ansiedade, desânimos, depressão, medos, etc.

São preocupantes as consequências geradas pelo estilo de vida, pela cultura e sociedade em que vivemos. É comum ouvirmos falar do consumismo exagerado, do crescimento da violência, do aumento do desemprego, entre tantos outros malefícios que fazem parte do mal estar contemporâneo.

Entretanto, o que mais nos choca, e que infelizmente é uma realidade dolorosa da sociedade atual, é a violência contra crianças e adolescentes, situações de maus tratos, abusos psicológicos e físicos. O abandono e a negligência têm aumentado a cada dia. Os pais, tutores e/ou parentes próximos, que deveriam proteger, cuidar, educar e amar estes seres ainda indefesos, são, em muitos casos, os principais responsáveis pelas agressões.

A violência pode se manifestar de várias formas, desde a mais sutil até a violência que deixa marcas e cicatrizes. Mas todas elas deixam lembranças profundas e com danos, que frequentemente acabam retornando para a própria sociedade.

Geralmente estas crianças e adolescentes são encaminhadas pelo Conselho Tutelar para associações e lares acolhedores, onde residem por um período de tempo necessário para retornar em segurança ao convívio familiar, seja retornando à família biológica ou para uma família substituta, através de guarda, tutela ou adoção, trabalho este acompanhado pela equipe técnica do lar e Conselho Tutelar.

Os serviços de saúde, serviços governamentais e não governamentais enfrentam diariamente este grave problema e, mesmo apoiados nos direitos das crianças e adolescentes, deparam-se com dúvidas quanto à garantia de proteção à infância e à adolescência e quanto à maneira mais adequada de agir com estas famílias e com as crianças e adolescentes em situação de risco.

Frente a essa realidade, acredita-se que os tratamentos arteterapêuticos vêm de encontro a essas situações, colaborando efetivamente para o enfrentamento e superação das dificuldades e traumas que estas crianças e jovens vítimas de violência trazem consigo, ajudando-os a conviver e lidar com tais traumas e desfrutando de uma vida mais saudável e plena.

Este foi o motivo que gerou o objeto de pesquisa, sob o tema “Tecendo emoções: a linguagem visual como processo de inteireza e integridade do ser”, para que pudéssemos entender e refletir acerca das contribuições das atividades arteterapêuticas, com atenção para crianças e adolescentes que estão em uma situação de fragilidade emocional, tendo em vista o afastamento do seu convívio familiar. O interesse pelo estudo surgiu em função de acreditarmos que ações artísticas possam oferecer uma possibilidade integradora dos aspectos emocionais e afetivos, ressignificando a história de vida de cada um, atuando ainda como construtor da atitude e consciência crítica com relação a sua identidade.

Tais aspectos nos permitiram traçar a problemática de estudo, a qual aponta o seguinte questionamento: Qual a importância das atividades arteterapêuticas no processo de ressignificação da vida das crianças e adolescentes, e de que forma o contato com as artes visuais poderá contribuir na compreensão e na superação dos conflitos internos?

Focamo-nos no objetivo geral de compreender a importância da arteterapia como forma de intervenção terapêutica para tratar problemas emocionais, suas causas e consequências, contribuindo no reestabelecimento da saúde, do equilíbrio físico, mental e emocional do indivíduo.

Para atingir os propósitos desejados elegemos alguns objetivos: Verificar a importância da arteterapia como ação interventiva das expressões do inconsciente; Entender como a arteterapia pode contribuir para o bem estar social, espiritual e mental de crianças e jovens; Compreender como o processo arteterapêutico pode colaborar para o equilíbrio emocional das crianças e adolescentes, tendo em vista o afastamento do seu convívio familiar; Investigar a realidade dos centros de acolhimento para crianças e adolescentes em situação de risco, fazendo observações, verificando as ações processuais de funcionamento; Delinear um projeto de intervenção com atividades arteterapêuticas voltadas para crianças e/ou adolescentes residentes na Casa Lar; Refletir acerca da importância das vivências arteterapêuticas para aliviar tensões emocionais, aumentar a autoestima e aprender a lidar com situações e experiências traumáticas.

Sendo assim, a presente pesquisa se estabeleceu através de pesquisa bibliográfica, com investigação em fontes já elaboradas, e também por meio de aplicação de um plano de

intervenção, sob a forma de oficina, com carga horária de 20 horas, divididas em dez encontros semanais de 02 horas cada um, em dias e horários combinados com os responsáveis pela instituição Lar Aprisco.

O referido estudo foi realizado com uma menina de dez anos de idade vítima de abusos domésticos, nomeada pelo pseudônimo “Bela” para manter sigilo sobre seus depoimentos, acolhida pela Casa Lar Aprisco, da cidade de São José do Cedro - SC.

Bela morava com a mãe, uma irmã de oito anos, um irmão de dois anos, e com o padrasto. Todas as crianças sofreram abusos por parte dos responsáveis com quem viviam. Após uma denúncia, os três irmãos foram levados para a casa do pai e da madrasta, onde houve negligência familiar. Hoje residem numa Casa Lar, onde aguardam uma decisão do juiz desta comarca, que decidirá para onde serão encaminhadas. O campo de ação dessa pesquisa foi, em sua maioria, aplicado no Atelier Traço e Cor, da cidade de São José do Cedro – SC.

A escolha da participante foi realizada pelos diretores da Casa Lar e pela psicóloga que acompanha as crianças.

Essa pesquisa caracteriza-se como qualitativa, pois sua preocupação esteve voltada às ciências sociais, que não podem ser quantificadas. Por ser qualitativa, segundo Minayo, “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, Maria, 1999, p. 22).

Os depoimentos foram coletados através de grupo focal por meio de conversação com os participantes, e o estudo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa-ação, que conforme Franco (2005, p. 486):

Considera a voz do sujeito, sua perspectiva, seu sentido, mas não apenas para registro e posterior interpretação do pesquisador: a voz do sujeito fará parte da tessitura da metodologia da investigação. Nesse caso, a metodologia não se faz por meio das etapas de um método, mas se organiza pelas situações relevantes que emergem do processo. Daí a ênfase no caráter formativo dessa modalidade de pesquisa, pois o sujeito deve tomar consciência das transformações que vão ocorrendo em si próprio e no processo.

O corpo teórico divide-se em dois momentos. Inicialmente, apresentamos as reflexões teóricas, divididas em dois itens: o primeiro, intitulado “Arteterapia e sua função terapêutica”, abarca a concepção da Arteterapia, trazendo um breve histórico e uma reflexão acerca da sua importância para a vida do ser humano, referenciado nos autores Ormezzano (2011), Valladares (2009), Philippini (2008-2009), Ciornai (2004-2005), Pain (1996) e Urrutigaray (2011).

O segundo, intitulado “Arteterapia entrelaçada com artes visuais”, deteve-se à arte como forma de ressignificação do ser e sua importância no processo de externalização dos conteúdos inconscientes. Neste segmento citamos os seguintes autores: Ciornai (2005), Ostrower (1998), Philippini (2008-2009), Pain (2009) e Urrutigaray (2011).

O segundo momento, intitulado “Arteterapia como um meio de expressão, reconhecimento e ressignificação do “eu” interior”, aborda a pesquisa de campo, onde são apresentados os relatos e reflexões sobre o caminho percorrido nas vivências arteterapêuticas, Este segmento foi dividido por subtítulos: Desvelando uma história de vida - eu e as coisas de que gosto; Abrindo a Janela da Alma – Meus gostos X minha vida; Alegando o Jardim interior; Colorindo a vida; Transformando as dificuldades em aprendizado; Simbolizando os sonhos; Cultivando a paz interior; Olhos de Deus; Ouvindo contos e modelando a vida; e Fortalecendo as amizades. As situações apresentadas também foram fundamentadas em referenciais teóricos, alguns já apontados no primeiro momento e outros que complementarão a pesquisa. A construção das reflexões envolveu leituras de vários autores, sendo que alguns destes tiveram uma maior participação neste estudo, e dentre estes autores citamos: Ormezzano (2009), Urrutigaray (2011), Arcuri (2004) e Capri e Sartori (2009).

Após a intervenção, por meio de dez encontros, e de posse dos dados coletados, fez-se a compreensão dos achados da pesquisa, tecendo saberes teóricos aos conhecimentos práticos, realizando a análise e a compreensão dos resultados.

Para finalizar nossa pesquisa, trazemos, como última parte do estudo, alguns apontamentos acerca do processo realizado, buscando refletir sobre a importância da Arteterapia para o desenvolvimento mental e espiritual saudável de crianças e adolescentes e sua contribuição para a transformação pessoal, apontando nossa experiência com esse estudo e algumas conclusões obtidas durante o percurso.

2 ARTETERAPIA E SUA FUNÇÃO TERAPÊUTICA

A imagem do mundo é uma projeção do mundo do self, assim como este é uma introjeção do mundo.

Jung

2.1 CONCEPÇÃO DE ARTETERAPIA

A palavra Terapia, de acordo com o Dicionário Aurélio (2001, p.668), é apreendida como “uma intervenção que visa tratar problemas somáticos, psíquicos ou psicossomáticos, suas causas e seus sintomas, com o fim de obter um restabelecimento da saúde ou do bem-estar”. Já a palavra Arte pode ser definida como uma técnica ou a habilidade e aptidão que o ser humano tem para fazer alguma coisa.

Desde a época das cavernas o ser humano tem utilizado a arte como uma forma para se expressar e se comunicar. De acordo com historiadores, há uma vasta quantidade de materiais evidenciando que o homem, muito antes de dominar a escrita, representava, através de desenhos, pinturas, gravuras, esculturas e modelagens, parte de suas crenças e ritos de seu tempo. Essas expressões artísticas nos levam a perceber a necessidade que o ser humano tem de representar, organizar e significar o mundo em que vive.

A Arte, como forma de terapia, resgata costumes das antigas civilizações. Como diz Ormezzano (2011, p. 9):

A arteterapia é um processo terapêutico que resgata a tradição milenar de utilizar recursos artísticos para auxiliar as pessoas a contatarem conteúdos internos, por exemplo: os índios navajos e suas pinturas de areia, as máscaras da serenidade de tribos ciganas, as mandalas tibetanas e outras atividades artísticas semelhantes. Com base nesses níveis profundos de funcionamento psíquico, procura facilitar o desenvolvimento da personalidade como um todo.

A arteterapia surge como uma alternativa terapêutica que utiliza a arte, linguagem primária e consciente do ser humano, e suas diferentes linguagens como o teatro, a dança, a música, as artes visuais, para possibilitar a expressão de símbolos presentes no inconsciente, que, ao serem materializados, poderão ser identificados e compreendidos pelo próprio paciente. Para Valladares (2009, p.14):

A arte, por evocar uma linguagem primária e pré-verbal versátil e, ao mesmo tempo, flexível, possibilita a expressão do paciente isenta da censura verbal. No caso da arteterapia, esta relaciona os produtos das expressões artísticas com seus conteúdos simbólicos específicos, sem lógica e atemporais, numa linguagem consciente. Por conseguinte, esta terapia torna possível a comunicação do mundo inconsciente com a realidade externa e consciente do cliente.

Assim, o contato com as diferentes linguagens artísticas possibilita a organização tanto intelectual quanto emocional. Durante o processo expressivo o indivíduo pode externar conteúdos reprimidos e conseqüentemente transmutar seus pensamentos, sentimentos, emoções, desejos, fantasias e conflitos, amenizando, desse modo, os sofrimentos psíquicos inconscientes.

Seguindo o conceito de alguns autores que versam sobre a Arteterapia, é possível considerá-la como um processo terapêutico que utiliza essencialmente os recursos artísticos com a finalidade de organizar o caos interior do ser humano. Não existe preocupação alguma com relação à estética nem com técnicas artísticas. O intuito principal na Arteterapia é estimular manifestações inconscientes, buscando, através do processo terapêutico, desenvolver um trabalho que proporcione um resultado positivo na consciência humana.

Segundo Ormezzano (2011, p. 55):

A Arteterapia atua nos mecanismos psíquicos, que, ao serem acionados, se revelam, facilitando a organização interna e a socialização. Quando isso acontece, abre-se nas pessoas uma via funcional que lhes oferece a oportunidade de exercitarem o direito de expressão, reconhecendo-se por meio da produção artística.

Apesar de ser uma prática antiga, não faz muito tempo que a arteterapia é usada como instrumento terapêutico no Brasil. Entretanto, nos países europeus, muitos buscam este tipo de tratamento com o intuito de solucionar os males que os afligem.

No Rio de Janeiro, em 1923, de acordo com Finimundi (2008), o médico psiquiatra Osório César iniciava estudos sobre produções artísticas de pacientes internados no Hospital Juquerí. A Escola Livre de Artes Plásticas, com ênfase no desenho, modelagem e artesanato, foi criada em 1925. Nesse mesmo ano a Dra Ita Wegmann, na Suíça, e Dr Husseman, na Alemanha, já prescreviam a arte como parte do tratamento médico para seus pacientes. Foi Margareth Naumburg, educadora e terapeuta, em 1941, que sistematizou a “Arteterapia de orientação dinâmica” como concepção educacional, método de comunicação simbólico, por meio de imagens e associação livre com arte espontânea. Florence Cane, artista e educadora, criou a “scribble drawing”: (desenho cego) garatuja, processo imaginativo, criativo e

expressivo, sendo que o paciente faz a própria interpretação, explicando o significado da imagem.

Nise da Silveira, médica alagoana, incluiu oficinas de arte no Centro Psiquiátrico D. Pedro II, no ano de 1946. Dedicada à psiquiatria, jamais aceitou as formas agressivas de tratamento da época. Em 1952, Nise contribuiu de forma significativa com a construção do Museu do Inconsciente na cidade do Rio. Ela sempre acreditou que as “obras” produzidas seriam instrumentos de transformação e reorganização da realidade interna e externa dos pacientes. Para Nise, os trabalhos de arte eram considerados como “janelas para a psique”, proporcionando significativa ajuda no entendimento dos “inumeráveis estados do ser”.

Em 1970 foi criado, no Rio de Janeiro, o primeiro curso de pós-graduação em Arteterapia.

A Arteterapia é um processo holístico, multidimensional e multidisciplinar, englobando corpo, mente, espírito, cultura, sociedade e natureza. É, ao mesmo tempo, um método tripolar, paciente mais arteterapeuta e imagem, onde a arte tem uma função simbólica, permitindo ao homem se expressar e, ao mesmo tempo, perceber significados atribuídos à sua vida em sua eterna busca por um equilíbrio com o meio em que vive. Assim, além da função social, a arte pode ter um fim terapêutico. Philippini (2008, p.14) afirma:

Ao buscar referências sobre quem, ou em que lugar começou a surgir a Arte Terapia como uma nova forma de trabalho terapêutico, é possível recuar no tempo cerca de 50 anos e encontrar algumas âncoras e demarcações. Florence Cane, Margareth Naumburg e Edith Kramer nos Estados Unidos, Adrian Hill na Inglaterra, Ulisses Pernambucano e Nise da Silveira no Brasil. Mas é possível caminhar bem mais para trás, na direção de outras origens desta prática terapêutica, aquelas que se encontram em tempos bem mais antigos. Nestes registros, encontramos desde sempre a ARTE, em suas múltiplas manifestações, como profundo documentário psíquico, tanto para a coletividade, como para cada indivíduo em sua existência singular. Com este olhar encontraremos relatos sobre a Arte com prática terapêutica na Grécia antiga (século V antes de Cristo) em Epidauro, centro de cura dedicado a Asclépio. Neste local, os indivíduos enfermos assistiam a representações teatrais e musicais, e contemplavam manifestações artísticas diversas. Depois, à noite, recolhiam-se para a prática da “INCUBAÇÃO”, que era a possibilidade de receber uma indicação das divindades, pela via do sonho, e nesta comunicação encontrar uma chave para transformar a situação que havia gerado a doença [...] E se caminarmos no tempo, bem mais para trás, poderemos chegar à cerca de 35.000 anos atrás com as pinturas nas cavernas, que já configuravam uma ponte expressiva entre o dentro e o de fora, entre um espaço protegido e interno, para o mundo além, pleno de perigos, desafios e adversidades.

A arte é um caminho para o ser humano descobrir possibilidades de expressão, para figurar e reconfigurar, através das atividades artísticas, suas dificuldades de relacionamento com o outro e com o mundo, ativando a função transcendente a caminho da individuação, tornando-se um ser humano integral, corpo (sentir), mente (pensar) e ambiente (perceber).

A expressão artística assume um papel essencial para o ser humano por proporcionar, através de suas modalidades expressivas, o conhecimento de si próprio: como pensa, como sente e como vê, desvendando o ser na sua totalidade. Desse modo, a arteterapia busca pesquisar os processos da atividade criadora e o estudo simbólico das imagens produzidas. Para que isto aconteça de forma mais completa e segura, o arteterapeuta utiliza várias modalidades expressivas para que o emocional e o intuitivo se manifestem e possam ser observados, proporcionando ao indivíduo o ato de criar e expressar seus sentimentos e emoções de forma concreta e vivencial, um trabalho integrativo entre as linguagens verbais e não verbais.

A arte como processo terapêutico retira a criança e o adolescente da condição de objeto, restituindo-lhe a dimensão humana perdida, revisa procedimentos de segregação e perda da cidadania, enfim, é a reabilitação psicossocial. E não faz julgamento de valor e nem de qualidade estética, porém, usa todos os recursos, dentro dos quatro elementos: água, terra, fogo e sol, para extrair os conflitos. Segundo Angela Philippini (2008, p.19):

Em Arteterapia, os “sinais” são registrados através da produção simbólica, pela cor, formas, movimento, ocupação no suporte e padrões expressivos gerais. Ao aprender gradualmente o significado destas configurações, é possível permitir que, pouco a pouco, conflitos sejam elaborados e conteúdos até então desconhecidos possam acessar a consciência. O arteterapeuta, neste contexto, é acompanhante privilegiado de um processo de transformação que ganha consistência a partir da criação plástica. Assim, um símbolo, em dado momento, é a imagem guia que unirá o inconsciente à consciência e, com esta mediação, através do desenvolvimento do trabalho com possibilidades imagéticas, a transformação será facilitada e ativada, [...] através dos materiais gráficos, das tintas, das colagens, das variadas formas de modelagem, dos fios para tecelagem, dos papéis para dobradura, da confecção de máscaras, da criação de personagens, das miniaturas do tabuleiro de areia, de materiais como folhas, flores, sementes, cascas de árvores ou da aproximação com elementos vitais como a água, ar, terra e fogo e inúmeras outras possibilidades criativas, surgirão os símbolos necessários para que cada indivíduo entre em contato com aspectos a serem compreendidos e transformados.

A Arteterapia oferece ao participante a interdependência biológica, psicológica, social, ambiental e espiritual, e permite a passagem da relação de dependência para a relação de cooperação. É um dispositivo terapêutico que absorve saberes das diversas áreas do conhecimento, constituindo-se como uma prática transdisciplinar, visando o resgate do participante, em sua integralidade, através dos processos de autoconhecimento e transformação. Ciornai (2005, p. 199) explica que:

Agora, mais do que nunca, sei como a arte pode acionar o biológico para que a comunicação seja restabelecida, para que as informações e a energia fluam e a mente esteja a serviço do corpo. Originalmente a arte era vista como parte de um caminho interior, uma via de revelação, e pressupunha-se que o artista tivesse alguma iniciação.

A Psiquiatria Junguiana, na década de 1920, se apropria da expressão artística como parte do processo psicoterápico. Para Jung, “imagens representam a simbolização do inconsciente individual e, muitas vezes, do inconsciente coletivo”. É um processo com predominância não verbal, que acolhe o participante, com toda sua complexidade e dinamicidade. Com recursos expressivos, que são instrumentos do processo, o indivíduo expressa suas questões internas e inconscientes e as materializa em forma de símbolos. Paín (2009, p. 83) diz que:

Na conceitualização de sua teoria, Freud utiliza frequentemente a palavra representação, raramente “imagem”, salvo quando se trata da imagem hipnagógica do sonho. No entanto, é da imaginação que trata na maioria das vezes. Ambos os termos apontam para o conteúdo concreto do ato de pensar, à ideia que o sujeito se cria de uma coisa, em particular, da reprodução (deformada) de uma experiência perceptiva anterior.

A Arteterapia apresenta-se como uma possibilidade diferenciada no estabelecimento e aprofundamento do vínculo terapêutico, diferenciando-se de outras práticas psicoterápicas onde a própria linguagem criativa, os materiais utilizados (cores, texturas, possibilidades de expressão com cada material), agregados ao olhar terapêutico mobilizado, tornam-se incentivadores das experimentações de expansão ou continência necessárias em cada momento do processo. Com a contribuição criativa do processo arteterapêutico os símbolos inconscientes transitam para a consciência, por isso pode ser de grande produtividade terapêutica para o participante que sofre violência familiar. A arteterapia utiliza esses elementos de tal forma que eles são, em grande parte dos casos, um instrumento de melhor adesão terapêutica, e que tem menos possibilidades de suscitar resistências. Ciornai (2005, p. 197) afirma:

Foi de grande valia poder confirmar o que era apenas uma intuição: saber que, a partir dessas novas conceitualizações, a biologia está intimamente ligada a uma rede de teoria da informação tornando a comunicação e a cura mente-corpo uma ciência empírica, em vez de uma simples esperança.

Como arteterapeutas podemos atuar também com crianças e adolescentes, em trabalhos de cunho preventivo, denominados promoção de saúde, para facilitar o

entendimento das dificuldades da vida, que a maioria vivencia, quase que diariamente, destacando-se a violência física e emocional, tristezas e medos. Com a presença ativa do arteterapeuta, que acolhe, ajuda, facilita e está presente durante o fazer arteterapêutico, a reabilitação pode acontecer em todos os sentidos. A utilização de recursos expressivos como forma de viabilizar exercícios de arte como terapia traz segurança e melhora a convivência coletiva, pois a arte tem uma abrangência benéfica e valorosa sobre o ser humano. Ciornai (2005, p. 70) comenta que:

As atividades expressivas podem tornar-se facilitadoras do contato, da comunicação e da integração dos elementos do grupo, pois muitas pessoas com dificuldades de se expressar verbalmente podem encontrar outras possibilidades de falar de seus sentimentos pelo trabalho artístico, bem como refletir sobre o próprio trabalho.

A fonte de revitalização e autoestima, no individual e também no coletivo, está no processo arteterapêutico, que dá uma relevante importância aos aspectos não verbais, cognitivos, expressivos e descritivos, integrando e liberando o participante emocionalmente. A Arteterapia é um canal dialógico entre o participante e o seu mundo. Atua de forma direta, através de comunicação, autodescoberta e autoconhecimento, impedindo que eventuais interferências características da forma verbal, como a autorrepressão, se façam presentes, possibilitando assim o equilíbrio e a maturidade. Nas palavras de Philippini (2009, p. 62):

Ao longo desse processo, o arteterapeuta caminha para que seu cliente descubra seu próprio processo de criação, a sua criatividade; por isso, dará autonomia para que caminhe rumo ao seu processo de individuação. Caminhar para se individuar, para um vir a ser. Quando ele se sente autônomo e percebe que é capaz de transformar não só as matérias, mas também as situações, começam a ocorrer mudanças psíquicas e efetivas transformações em sua vida, pois existe uma relação direta entre a transformação da matéria e a transformação psíquica, como se a luz estivesse entrando e mostrando novas possibilidades.

Difícilmente se fala da necessidade do amor no processo de individuação e, além dele, no processo de espiritualização. Não o amor exigente, patológico, carente, mas o amor incondicional. Este é o verdadeiro aprendizado daquele que se exercita no processo de individuação e de espiritualização. Todo o processo de individuação inicia-se no ego, permanece no ego e tem como finalidade a rendição ao si mesmo pelo ego. Críticas, ódios e violência são projeções do interior de cada um, por isso a necessidade do exercício da amorosidade e o reconhecimento que todo o indivíduo é luz e sombra, e que, mesmo assim, é preciso amar, reconhecer, integrar o que é possível e manter sob vigilância o que a ética restringe. Ciornai (2004, p. 72) escreve:

A linguagem, os materiais e os instrumentos em muito vão estimular a produção. É a relação do ser humano com essa matéria que potencializa e transforma. O homem e a matéria interagem e atuam e sua energia criativa, e ambos se modificam nessa relação. Há um diálogo, às vezes uma “briga”, encontros e desencontros, em que o tempo e a dimensão espacial se transformam. Entre embates e buscas, a criação se processa e o indivíduo vai podendo ver na matéria o que vem de seu mundo subjetivo e de seu olhar mais consciente, percebendo sua atuação em outros momentos da vida, sentindo e se conscientizando do que aquelas imagens que se formam ali à sua frente significam.

Começa a fluir a transformação do todo e a integração dos conteúdos emocionais ao se fazer uma representação simbólica, diminuindo de forma gradativa o estado patológico. Cada pessoa tem um processo de criação singular, e os recursos expressivos selecionados pelo arteterapeuta precisam contemplar essas singularidades. As produções são para a recuperação da possibilidade pessoal de criar em liberdade, sem um objetivo estético, mas sim para encontrar formas mais harmoniosas de se comunicar, se relacionar e estar no mundo. Para Urrutigaray (2011, p. 41):

A atividade artística promove a imagética e, desta maneira, ativa a energia psíquica, trazendo à tona a emoção que estava escondida na imagem, fruto da atividade ou procedimento cognitivo. “Fazer arte” num sentido literal envolve vários níveis humanos como o sensório-motor, o emocional, o cognitivo e o intuitivo. Através da atividade com arte o sujeito transforma a realidade e a si mesmo, promovendo o desabrochar da percepção, da organização e ordenação de seu pensamento, possibilitando a compreensão do momento circunstancial, bem como da dimensão de si mesmo.

No entanto, só há vida digna quando a criatividade está ligada ao ser humano, tornando suas atitudes coloridas com relação à realidade externa, aprendendo a transformar e usar a energia criativa sem perder contato com a subjetividade, reconhecido e respeitado na sua singularidade.

2.2 ARTETERAPIA ENTRELAÇADA COM ARTES VISUAIS

2.2.1 Arte como forma de resignificação

O que vive o homem, a alienação de si mesmo, em meio a uma sociedade racionalista e reducionista, onde há um bombardeio de exigências e funções, impossibilitam de criar e realizar em sua vida conteúdos mais humanos. É aqui que se faz necessária a utilização de todas as expressões artísticas para resgatar a sensibilidade perdida e possibilitar um espaço de colocação, mesmo numa sociedade massificadora. Nesse contexto precisa-se aprender mais,

ouvir mais, sentir mais. O que importa é recuperar os sentidos que entorpecem as faculdades sensoriais no corre-corre da vida moderna. Ciornai (2005, p. 198) escreve:

Assim, os caminhos de cura levam da polaridade à unidade e à integração. Hoje, consigo entender melhor que essa noção de unidade é diferente daquela que antes me trazia uma certa angústia: a da unidade próxima ao sentido de perfeição. Compreender a unidade é transcender a polaridade, podendo colocar um fim à estrutura de que cada metade do cérebro exerce o controle por sua vez...É acabar com o ou\ou. É poder ser sombra e luz!

A qualidade de vida melhora quando o ser humano é valorizado por si mesmo e pela sociedade, pelo respeito, pela afetividade que norteia o equilíbrio emocional, alavanca determinante para outros progressos, mais voltados para o “ser” do que para o “ter”. A arte atua no reforço da autoestima debilitada. Os progressos materiais não podem ser menosprezados, mas não se pode negar que são fugazes, visto que, uma vez satisfeitos, outros surgirão, sendo que os progressos do “ser” são duradouros, nos campos intelectuais, afetivos, emocionais e espirituais. Criar em arte e refletir sobre os processos artísticos pode ampliar o conhecimento, juntando meios para lidar melhor com os arsenais negativos que vão aparecendo a cada momento na vida de cada um, desfrutando do prazer vitalizador. Por não serem necessárias habilidades artísticas de qualquer natureza, o processo terapêutico acontece com absoluta naturalidade, espontaneidade, fluidez, de forma suave e lúdica, sem artifícios invasivos e admoestadores. Conforme Ostrower (1998, p. 32):

Há de se imaginar, então, o quanto, ao ser articulada como forma de espaço, a perspectiva constituiu um salto no desconhecido, uma aventura excitante, e nunca a rotina tediosa e isenta de significados em que foi transformada dentro do ensino meramente tecnicista de nossos dias. Foi um verdadeiro desafio, pois também é preciso ter em mente que a busca da forma correspondia à busca de um conteúdo, de uma nova concepção do próprio viver. Eram valores novos que, intuitivamente, haveriam de motivar os artistas em seu mais íntimo ser. É por isso que nos quadros renascentistas a perspectiva nos cativa até hoje com sua vitalidade e beleza.

Cada linguagem artística tem suas funções características, facilitando mais certos processos, pois a arte é uma necessidade humana, e, como tal, uma das nossas expressões mais saudáveis e sublimes. Todos nós temos a capacidade de criar e de nos expressar. A expressão criativa, muitas vezes, é interrompida na educação (escolas). As atividades obrigam um comportamento imitativo, inibindo sua própria expressão criadora. Esses trabalhos não estimulam o desenvolvimento emocional, iniciando-se assim as patologias sociais. Com desenho sem modelo o participante realiza uma verdadeira criação. Muitas informações são recebidas, e necessitamos de uma ferramenta para elaborar e processar estas impressões, para

evitar transformação em passivo receptor e a intoxicação com toda essa gama de estímulos que ferem a sensibilidade humana. Fayga Ostrower (1998, p. 25) ressalta sobre a espiritualidade na arte:

As potencialidades criativas afluem da vida espiritual inerentes à consciência e às suas inquietudes. E a realização dessas potencialidades nunca se afigurou aos homens como um divertimento, mas sim como uma necessidade e um real desafio. A arte é uma necessidade do nosso ser, uma necessidade espiritual tão premente quanto as necessidades físicas. A prova disso é o fato irrefutável de todas as culturas na história da humanidade, todas elas, sem exceção, desde o passado mais remoto até os tempos presentes, terem criado obras de arte, em pintura, escultura, música, dança, como expressão da essencial realidade de seu viver. Uma realidade de dimensões bem maiores do que a utilitarista. As formas de artes representam a única via de acesso a este mundo interior de sentimentos, reflexões e valores de vida, a única maneira de expressá-los e também de comunicá-los aos outros. E sempre as pessoas entenderam perfeitamente o que lhes fora comunicado através da arte. Pode-se dizer que a arte é a linguagem natural da humanidade.

O contato com materiais de arte nos vai acalmando, nos deliciando, entrando em outra sintonia, com a fluidez de uma cor lentamente se misturando com a outra, com as formas e cores totalmente diferentes. Vão se criando novas expressões artísticas. Com a materialidade dos símbolos compreende melhor o mundo interno. Esses efeitos nos fascinam. É um ato de criação e contemplação. É por isso, que o trabalho com arte é uma meditação ativa. Para Ostrower (1998, p. 57):

[...] Na verdade, a fim de criar é preciso poder desequilibrar, sempre e de novo, para poder reequilibrar, sempre e de novo. É como o acrobata na corda bamba, com cada passo desequilibrando-se e novamente equilibrando-se. É como o próprio viver.

Pautada em valores internalizados construímos a nossa vida, na concepção de que tudo vai dar certo, porém nem sempre o resultado é satisfatório. De repente, a estrutura desaba sobre nossa cabeça, os projetos de vida vão por água abaixo. Então, necessitamos de ajuda. A arte tem uma função simbólica, permite, ao mesmo tempo, a expressão e a percepção de significados, para que nos integremos com o meio onde estamos da forma mais equilibrada possível. Recursos de transcendência são oferecidos pela arte, pois ela atua em níveis emocionais e afetivos, seja para quem a faz, seja para quem a aprecia. No entanto, como elemento terapêutico oferece processos criativos catárticos, exercendo transformação.

O desenho, a pintura, a modelagem, as montagens e construções de personagens são as técnicas que mais se prestam ao processo terapêutico através da arte. No entanto, é preciso delimitar, com muito cuidado, do que se fala ao empregar a palavra ARTE, porque, no contexto Arte Terapêutico, deve ser entendida como um processo expressivo de concepção

ampla. As modalidades artísticas expressivas mais utilizadas em Arteterapia são o desenho, a pintura, a colagem\recorte, a gravura, a tecelagem, a modelagem, a escultura, a construção, o teatro, o tabuleiro de areia e a escrita criativa.

Philippini (2009, p.62) escreve:

[...] A Arteterapia é um processo terapêutico que decorre da utilização de diversas modalidades expressivas, como, por exemplo, a expressão plástica, o teatro, a dança, o som. Ao darmos a estas modalidades o enfoque terapêutico, estaremos dando prioridade ao campo da sensorialidade e da materialidade. É desta forma que, ao utilizarmos a expressão plástica, estaremos considerando todas as possibilidades – suas cores, suas formas, seus volumes. Estas produções expressarão e configurarão níveis inconscientes e profundos da psique, delineando um documentário que permitirá o confronto, no nível da consciência, destas informações, propiciando *insights*, transformação e expansão da estrutura psíquica em um movimento em direção ao um novo *self*.

As primeiras manifestações, intenções e emoções da vida humana foram representadas por desenhos. A arte sempre esteve presente no processo educativo, porém teve pouca valorização. Agora, através da Arteterapia, o trabalho ganha sentido, preservando a liberdade do indivíduo, dando oportunidade para que ele possa se expressar. Assim, podemos verificar a importância de se trabalhar a imagem na Arteterapia com crianças e adolescentes, pois uma imagem traz consigo um rico mundo de significações, que muitas vezes não conseguem liberar pela fala, angústias que se manifestam a partir de seus comportamentos e atitudes.

Cada um de nós necessita de um canal de expressão consistente, que possa tornar perceptíveis ideias e sentimentos quando estamos vivendo momentos onde sentimos nossa alma mergulhar em uma noite negra e sombria. Para uns é pintar, para outros é escrever. O que importa realmente é poder reacender e manter o fogo criativo. Quando começamos a nos expressar através da dança, das artes plásticas, da música, o que expressamos é verdadeiro, original, espontâneo, estimulando o lúdico, o despertar das emoções confinadas no escuro ambiente da inconsciência, oferecendo-nos possibilidades para resgatar nossa autoestima e nossa autoconfiança, compreendendo melhor os bastidores de nossas angústias e traumas. É nessa desconstrução e reconstrução de saberes que a afetividade deve ocupar lugar privilegiado dentro do diálogo que se processa com imagens, gestos e representações afeto/expressivas.

Está na arte a função simbólica, permitindo que a participante se expresse e, ao mesmo tempo, perceba significados atribuídos à sua vida, e também a sua busca eterna por um equilíbrio com o meio em que vive. Diferente das terapias, que tem por base a verbalização, a

Arteterapia, de forma mais direta, impede que atuais interferências características da linguagem verbal, como o autorrepressão, atuem.

Sobre esse processo, Philippini (2008, p. 15-16) diz:

Em Arte Terapia o trajeto é marcado por símbolos particulares que assinalam, informam e definem sobre os estágios da jornada de individuação de cada um. Este caminho único compreende as transições e transformações em direção a tornar-se “in”-divíduo, aquele que não se divide face às pressões externas e que assim procura viver plenamente, integrando possibilidades e talentos, às feridas e faltas psíquicas. O processo arteterapêutico permite que simbolicamente e de forma perene, através das atividades expressivas diversas, sejam retratadas com precisão as sutis transformações que marcam o desenrolar da existência, seus contínuos movimentos de vir a ser, que configuram-se e materializam conflitos e afetos. Ou seja, o conjunto dos atos que genericamente pode-se nomear por “fazer terapêutico” expressa a singularidade e identidade criativa de cada um. A descoberta gradual de eventos psíquicos, cujo significado antes era obscuro, amplia possibilidades de estruturação da personalidade, ativa potencialidades e contribui para a construção de modos mais harmônicos de comunicação, interação e “Estar no mundo”.

A Arteterapia tem notável contribuição no ambiente da saúde, estimulando a criatividade, o lúdico, o despertar de emoções confinadas no escuro ambiente da inconsciência, oferecendo possibilidades para a criança e o adolescente resgatarem sua autoestima, a confiança em si, para uma compreensão maior de suas angústias e traumas. É um diálogo que se processa não exclusivamente com palavras, explicações verbais, mas com imagens, gestos, representações afeto/expressivas, sem que a estética assuma posição privilegiada. Um processo em busca de um possível equilíbrio de poderosas forças mentais, momentaneamente em dificuldade, porque não houve como suportar suas próprias realidades decorrentes de atitudes, cuja origem, na maioria das vezes, não há como determinar. Paín enfatiza (2009, p. 127):

Passamos tão rapidamente da impressão à representação que os momentos sensíveis e puramente estéticos da visão se dissipam. O reconhecimento não consiste apenas na continuidade entre a situação presente e o passado, mas sim na relação em função do projeto de ação que tende para o futuro.

A expressão livre ou espontânea é a exteriorização sem constrangimento das atividades mentais do pensamento, sentimento, sensação e intuição. A criação de formas depende de uma predeterminação racional, um desejo consciente de produzir certa imagem, resultante do somatório das experiências vivenciadas pela pessoa ao longo da sua vida, tendências que guiam o seu fazer na escolha. A falta de identificação torna-se um problema quando o que rodeia o indivíduo não tem significado, não reflete nada de si mesmo, não se sente parte integrante de sua vida e, portanto, não encontra o criativo. É preciso que se

perceba a beleza. Isso ajuda a harmonizar a personalidade, devolvendo a liberdade à alma aprisionada pelo medo, pelo vazio e pela violência. Sentimentos e emoções são despertados e o caos interior é reorganizado.

“O que sentimos na arte não é uma qualidade emocional simples ou única. É o processo dinâmico da própria vida: a oscilação contínua entre polos opostos, entre alegria e pesar, esperança e temor, exaltação e desespero”. (MAFFESOLI, 1995, p. 224). Sendo assim, o foco neste modo de pensar a arte está no mundo interior e na sua expressão subjetiva. Considera-se toda a sua vivência/conhecimento e experiência de mundo. Por este motivo, a liberdade, a espontaneidade, a não interferência durante a atividade arteterapêutica permite a exteriorização de sentimentos e conhecimentos diversos que só acontecem através da experimentação, pois a arte representa o mundo real ou imaginário e tem a visão como principal forma de avaliação e apreensão.

A musicalidade interna, a capacidade de se mover, de dançar, de pintar, de modelar e outros atos criativos são comuns a todos nós. A criatividade é universal, pertencendo ao fenômeno humano, e não só a alguns seres talentosos.

No entanto, na arteterapia o objeto de arte não interessa tanto pelo seu valor informativo, ou mesmo estético, mas sim pelo seu valor como mediador da expressão, como veículo de elaboração e como ensaio do processo criativo. O contexto do processo arteterapêutico não é usado para análise. O foco deste situar-se-á na relação terapêutica.

É adaptada em Arteterapia uma visão holística, considerando que o todo é maior que a soma das partes, e o papel do processo criativo na mudança é central, fomentando nos participantes o uso da criatividade como meio de entendimento de si próprio e dos outros e na resolução da problemática existencial. Para Urrutigaray (2011, p. 39):

Como os arquétipos só podem ser apreendidos através de aspectos presentes em configurações, eles se organizam em representações interiorizadas chamadas de imagem arquetípicas, as quais são meras apresentações de determinados *ângulos* de um padrão focado, como aspectos representativos do material pessoal, por estarem atrelados a uma determinada situação especial. Logo as imagens englobam tanto as alusões ao concreto (momento histórico ou contexto do sujeito), como aludem a uma realidade que não se esgota nessa referência concreta, por serem portadoras de um ideal arquetípico mais transcendente, e de caráter geral.

A experiência artística pode intensificar a expressão de vivências, bem como incrementar a consciencialização do sensorial e do equilíbrio estético. No contexto da Arteterapia, a facilitação de tal tomada de consciência pode ser importante para promover a riqueza, a vitalidade e a qualidade de vida. A expressão mediada possibilita também a

mobilização de pulsões reprimidas, facilitando assim uma vida psicológica mais livre. Imagens de transformação e mudança, representadas nas criações artísticas, dão expressão à função reparadora, no decurso do processo arteterapêutico.

Cuidar com arteterapia é privilegiar a expressão criativa pelas artes, facilitando-se a descoberta interior através do imaginário e o desenvolvimento da criatividade.

A arteterapia através das artes visuais nos ajuda a nos conectar com as frequências do nível essencial, que significa penetrar no potencial curativo que há em nós, deixando fluir a vida no seu sentido mais profundo; mostrar a alma e o coração, desenvolvendo o sentimento do amor, que é a fonte que origina todo o universo e que acolhe generosamente todos os sentimentos envolvidos com responsabilidade, palavras e atos que tragam o bem e a felicidade de todos. É uma fonte ininterrupta de força que ilumina nossas experiências diárias, uma energia que transforma o medo, a perplexidade e o desespero em compreensão, harmonia e fé. O amor está em tudo o que nos cerca e em nós, à medida que vamos aprendendo a entrar em contato com a sabedoria e a bondade de nossos corações. O amor acende a chama que transforma e autotransforma nossas vidas. Segundo Bauman (2004, p.17-18):

Nem no amor nem na morte pode-se penetrar duas vezes – menos ainda no rio de Heráclito. Eles são, na verdade, suas próprias cabeças e seus próprios rabos, dispensando e descartando todos os outros. Assim, não se pode aprender a amar, tal como não se pode aprender a morrer. E não se pode aprender a arte ilusória – inexistente, embora ardentemente desejada – de evitar suas garras e ficar fora de seu caminho. Chegando o momento, o amor e a morte atacarão – mas não se tem a mínima ideia quando isso acontecerá. Quando acontecer vai pegar você desprevenido. Em nossas preocupações diárias, o amor e a morte aparecerão *ab nihilo* – a partir do nada. Evidentemente, todos nós tendemos a nos esforçar muito para extrair alguma experiência desse fato; tentamos estabelecer seus antecedentes, apresentar o princípio infalível de um *post hoc* como se fosse um *propter hoc*, construir uma linguagem que faça sentido – e na maioria das vezes obtemos sucesso. Precisamos desse sucesso pelo conforto espiritual que ele nos traz: faz ressurgir, ainda que de forma circular, a fé na regularidade do mundo e a previsibilidade dos eventos, indispensável para a nossa saúde mental.

Sendo assim, a vida só adquire sentido à medida que nós organizamos o nosso mundo, mapeando a realidade consciente, aliada à capacidade de fazermos escolhas e ao uso da memória, permitindo-nos criar imagens, transformadas a partir do nosso olhar sobre o espaço e o tempo. Temos, na interpretação e representação da chamada arte, o instrumento essencial para o desenvolvimento da consciência, enquanto caminho para a compreensão de nós mesmos e do mundo que nos rodeia. Essa produção de imagens é importante para a nossa sobrevivência, permitindo a nossa vivência, necessidade básica de expressar, através de formas, os anseios da nossa alma.

3 DIÁLOGOS REFLEXIVOS SOBRE O CAMINHO PERCORRIDO NAS VIVÊNCIAS ARTETERAPÊUTICAS

Numa época em que toda a energia disponível é empregada na pesquisa da natureza, pouca atenção se dá ao essencial humano, isto é, a sua psique, ainda que haja muitas pesquisas sobre suas funções conscientes. Mas sua parte realmente desconhecida, que produz os símbolos, continua sendo desconhecida.

Jung

3.1 ARTETERAPIA COMO UM MEIO DE EXPRESSÃO, RECONHECIMENTO E RESSIGNIFICAÇÃO DO “EU” INTERIOR.

3.1.1 Relatos das vivências Arteterapêuticas

3.1.1.1 Desvelando uma história de vida - eu e as coisas que gosto

O Principal objetivo do nosso plano de intervenção foi promover vivências arteterapêuticas a fim de possibilitar o contato com conteúdos internos, disseminando sentimentos e atitudes até então desconhecidas, colaborando, assim, para uma organização do inconsciente, aumentando a autoestima, a autoconfiança, o potencial criativo, e estimulando a transformação interna para a reestruturação do ser.

Ana Claudia A. Valladares (2009, p. 13) afirma que:

A arteterapia é uma prática terapêutica que objetiva resgatar não só a dimensão integral do homem, mas também seus processos de autoconhecimento e de transformação pessoal. Almeja, ainda, resgatar a produção de imagens, a autonomia criativa, o desenvolvimento da comunicação, a valorização da subjetividade, a liberdade de expressão, o reconciliar de problemas emocionais e a sua função catártica.

Assim, para obter tais resultados, foram elaboradas algumas atividades utilizando recursos artísticos, a fim de desafiar e conduzir o contato com os conteúdos internos, estimulando a exteriorização e a materialização através de imagens e símbolos.

As vivências arteterapêuticas se caracterizaram pela aplicação de um plano de intervenção com carga horária de 20 horas, divididas em duas horas semanais, com uma menina de 10 anos de idade, vítima de violência doméstica, acolhida pela Casa Lar Aprisco, da cidade de São José do Cedro - SC. O campo de ação dessa pesquisa foi, em sua maioria,

aplicado no Atelier Traço e Cor, da cidade de São José do Cedro – SC. A escolha da participante foi feita pela diretoria e psicóloga, responsáveis pela Casa Lar.

Para preservar a identidade da participante, utilizaremos o pseudônimo “Bela”.

O primeiro encontro foi realizado na Casa Lar, para nos familiarizarmos e construirmos um laço de confiança. Foi possível perceber que a participante estava aflita, esfregava as mãos, e suspirava fundo diversas vezes. Conversamos com Bela, a fim de conhecer um pouco de sua história e, conforme fomos dialogando, ela foi se acalmando e fazendo brincadeiras, demonstrando uma personalidade bem humorada.

Bela explicou que morava com a mãe, uma irmã de oito anos, um irmão de dois anos, e com o padrasto. Todas as crianças sofreram abusos por parte dos responsáveis com quem viviam. Após uma denúncia, os três irmãos foram levados para a Casa Lar, onde aguardam uma decisão do juiz dessa comarca, que determinará se as crianças poderão ser encaminhadas para a casa do pai e da madrasta.

Para iniciarmos a vivência, pedimos que Bela pensasse nas coisas que ela fazia e que a deixava feliz, e depois desenhasse numa folha de papel. Ela, entusiasmada, foi pegando o lápis e dizendo: *“O que me deixa mais feliz é o meu pai.”* (Bela, 2014). Perguntamos se havia mais coisas das quais ela gostava, e ela instantaneamente respondeu: *“Adoro jogar futebol e também gosto de torta de bolacha.”* (Bela, 2014). Explicamos que ela poderia desenhar todas essas imagens na folha, tudo o que lhe trazia alegria ela poderia desenhar.

De um lado da folha ela desenhou um campo de futebol e se autorretratou no meio do campo, demonstrando o gosto pelo futebol.

Fotografia 01. Desenho de Bela jogando futebol



Fonte: Acervo Particular (2014)

Do outro lado da folha desenhou uma casa com duas pessoas na janela, e uma mesa com uma torta de bolacha.

Fotografia 02. Desenho de Bela com o pai na janela



Fonte: Acervo Particular (2014)

Perguntamos quem eram as pessoas que estavam na janela, e ela respondeu: “*Sou eu e o meu pai. Eu amo muito ele e quero que fique sempre perto de mim.*” (Bela, 2014). Falou esta frase sorrindo espontaneamente e com os olhos brilhantes, demonstrando uma grande estima pelo pai.

Quando as crianças desenhavam, normalmente tentavam representar aquilo que já conhecem a partir de suas experiências vividas. Bela consegue exteriorizar, por meio das imagens, novas realidades, de acordo com seus desejos, sentimentos e fantasias.

Ormezzano (2009, p.32) explica que:

Desenhar não é, simplesmente, copiar a natureza. Desenhar implica conhecer e apropriar-se do mundo. Desenhar significa expressar este conhecimento, mas também expressar sentimentos e emoções implicados com o mundo exterior e interior.

O desenho propicia à criança entrar em contato com sua realidade interna, deixando fluir as emoções que estão a ponto de emergir.

Tendo o desenho como foco arteterapêutico, conduzimos em todos os momentos o diálogo com Bela, para que pudesse exteriorizar suas emoções e sentimentos de maneira espontânea. Assim, enquanto Bela desenhava e pintava as imagens, explicamos que iríamos inventar um apelido carinhoso para nos referirmos a ela em nosso trabalho, garantindo que o

seu nome verdadeiro não iria aparecer, e que, quando fotografássemos as atividades, iríamos ter cuidado para não aparecer seu rosto. Sugerimos que escolhesse um nome pelo qual ela gostaria de ser chamada, e ela prontamente falou: *“Eu quero ser Bela, eu posso ser a Bela?”* (Bela, 2014). Elogiamos a escolha e comentamos que combinava com ela, pois era uma menina muito bonita. Neste momento ela fez uma carreta e disse: *“Eu sou feia e chata.”* (Bela, 2014). Perguntamos por que ela pensava dessa forma, pois não era a impressão que passava, e ela respondeu: *“Na escola todo mundo diz que eu sou chata e eu sou mesmo, porque não gosto de dividir as minhas coisas. Eu sei que, se eu dividir, quando eu precisar os outros também irão dividir comigo, mas eu não gosto!”* (Bela, 2014).

Finalizando a pintura dos desenhos ergueu a folha dizendo: *“olha, eu terminei, ficou um pouco feio, mas acho que dá”* (Bela, 2014).

Elogiamos o trabalho e comentamos que ela era muito criativa e que estávamos muito felizes por ter oportunidade de conhecê-la. Ela comentou que, no início, estava com um pouco de medo, porque achou que ia ser diferente, que seria ruim, mas que havia gostado de participar. Então explicamos que, se ela aceitasse, iríamos fazer mais nove encontros, e que cada um seria diferente, mas que gostaríamos de levá-la até um atelier de pintura, pois era um lugar muito alegre e que achávamos que seria o local ideal para as próximas vivências. Ela aceitou. Então nos despedimos e finalizamos este encontro com a entrega de um cartãozinho e um bombom.

3.1.1.2 Abrindo a Janela da Alma – Meus gostos X Minha vida

O segundo encontro foi realizado na sala do Atelier Traço e Cor. Recebemos Bela com um abraço, agradecendo pela sua presença. Ao perceber as telas expostas na parede, Bela ficou extasiada, observando-as com admiração, comentando que gostaria de aprender pintar e que não sabia desenhar, afirmando que seus desenhos eram feios.

Iniciamos a proposta com uma sensibilização. Explicamos que iríamos ensinar uma técnica de relaxamento com respiração. Pedimos para Bela deitar nos colchonetes para iniciarmos o relaxamento, e explicamos o que aconteceria em seguida, para deixá-la mais confortável. Colocamos uma música instrumental de flautas, e pedimos que deixasse os olhos fechados. Com uma voz calma, pedimos que imaginasse que caminhava num campo cheio de flores coloridas, e que se sentia alegre por estar ali. Pedimos para que cheirasse a flor mais bonita, que enchesse os pulmões com seu perfume e soltasse lentamente o ar pela boca.

Explicamos que ela poderia fazer isso com outras flores, que fosse sentindo o cheirinho de cada uma delas, e percebesse como era boa a sensação de estar nesse lugar.

Percebemos que ela fazia tudo o que estávamos pedindo, e, enquanto imaginava que estava cheirando uma flor, demonstrava o prazer que sentia dando um leve sorriso. Aos poucos seu rosto foi demonstrando uma textura de calma e leveza.

Ao abrir os olhos, Bela sorriu e comentou: *“Parecia que eu estava mesmo naquele lugar, era tão lindo, cheio de flores de todas as cores!”* (Bela, 2014).

Explicamos que o relaxamento é importante para equilibrar as emoções que sentimos, e que, sempre que estivesse agitada, poderia fazer o mesmo processo em casa.

Dando sequência à vivência, explicamos que iríamos montar uma sacolinha de papel, depois iríamos escolher uma figura do cartaz que ela havia feito no primeiro encontro para imprimir na mesma.

Ela demonstrou muito interesse em montar a sacolinha, e se admirava com cada parte que ia sendo construída. Assim que terminamos de montar, perguntamos qual das imagens gostaria de imprimir, e ela escolheu o desenho onde havia se autorretratado jogando bola.

Ensinamos a técnica de isogravura, que é uma técnica de gravura onde utilizamos as bandejas de isopor como base, tinta guache, e um material para o aprofundamento da imagem no isopor, transformando a bandejinha em uma matriz. Depois de pronto o desenho, entintamos a matriz com tinta guache e um rolinho de espuma, e fizemos alguns testes em folhas de papel sulfite antes de imprimir na sacolinha.

Fotografia 03. Matriz com bandejinha de isopor



Fonte: Acervo Particular (2014)

Bela dizia que nunca imaginou ser capaz de fazer algo tão encantador. Estava maravilhada com a técnica. Percebemos que se sentia mais segura e sua autoestima estava melhorando.

Neste sentido, Colagrande (2010, p. 90) explica que “A sensibilização é a parte fundamental nas oficinas de criatividade. Conduzir o grupo e cada participante a um lugar de conforto interno, percebendo o ambiente e ampliando os sentidos para que o momento do fazer artístico flua”. Do mesmo modo, Urrutigaray (2011, p.55) diz: “A própria apreciação do sujeito de seu desenvolvimento efetuado, durante o seu processo de trabalho, e a constatação de suas destrezas motoras e cognitivas diante das tarefas realizadas o capacitam internamente na promoção e valorização de sua autoestima”.

Assim que a impressão foi concluída, ela decorou com lantejoulas, para dar um acabamento na imagem.

Fotografia 04. Secagem da impressão da sacola



Fonte: Acervo Particular (2014)

Na sequência, entregamos para ela um diário e um lápis decorado, que deveria ser colocado dentro da sacolinha. O diário foi entregue com o objetivo de que a participante o utilizasse para escrever sobre seus sentimentos e pensamentos, como uma forma de terapia para aliviar a alma.

Bela estava empolgada com tanta novidade, e sorria animada com a sacolinha nas mãos.

Fotografia 05. Sacola impressa e diário



Fonte: Acervo Particular (2014)

Como já estava quase na hora de terminar o encontro, perguntamos como foi para ela realizar as atividades daquele dia. Bela comentou: *“Hoje eu aprendi a fazer uma arte nova, que eu nunca tinha imaginado que existia. Nunca fiz isso na escola. Estou pensando em levar pra aula pra mostrar pra profe de Artes. Acho que ela vai gostar. E também vi que eu sei desenhar um pouco. Acho que vindo aqui eu vou melhorar.”* (Bela, 2014).

Para Nogueira (2004, p.219), “O experimento permite que a pessoa participe ativamente, ensaiando, executando, pondo em prática, sentindo, ou seja, conhecendo e explorando a si mesma e avaliando sua relação com o mundo por meio da ação”.

Os escritos de Nogueira nos permitem compreender que, ao ser conduzida, durante o processo, Bela admirou-se com sua própria capacidade de fazer uma atividade diferente. No início, observando as telas, falou que não sabia desenhar, e que as coisas que fazia sempre ficavam feias, e na saída estava orgulhosa de si mesma, admirada com sua capacidade criativa. É possível perceber, pelas ações de Bela, o quanto a arte pode influenciar no bem estar do ser humano.

3.1.1.3 Alegando o Jardim interior

No terceiro encontro, Bela apresentava-se ansiosa e muito animada. Percebemos que, em sua mão, trazia a sacolinha confeccionada no encontro anterior, com o diário dentro. Antes de iniciarmos o relaxamento desse encontro, Bela perguntou se podia mostrar o diário, explicando que havia escrito todos os dias nele. Notamos que Bela foi fiel aos escritos.

Descreveu as visitas que recebeu do pai, falou sobre acontecimentos na escola e sobre sua convivência com as outras crianças e pessoas que trabalham na casa.

Na sequência, acendemos algumas velinhas com perfume suave de flores do campo, e pedimos para que Bela deitasse nos colchonetes e fechasse os olhos. Enquanto isso, colocamos uma música instrumental para relaxamento – Sons da natureza.

Enquanto nos organizávamos, Bela comentou: *“No mesmo dia que fiz arteterapia eu deitei na cama e não conseguia dormir. Aí fiquei lembrando daquele lugar do relaxamento. Pensei nas flores e senti o perfume delas várias vezes, e acabei pegando no sono sem perceber.”* (Bela, 2014).

Conforme Arcuri (2004, p. 35):

A respiração é uma das funções mais importantes do nosso organismo e está intimamente ligada ao estado emocional. Nascemos, e a respiração foi o nosso primeiro ato voluntário; podemos dizer, então, que nascemos com uma respiração, assim também como será a última coisa que faremos ao morrer. Ao modificar o ritmo respiratório, obtém-se uma modificação no estado emocional, há uma interiorização, uma introspecção, uma escuta de si mesmo.

As técnicas de respiração e relaxamento são utilizadas como uma forma de acalmar, aliviar as tensões, ansiedades e medos. No momento em que Bela relata sentir o cheiro das flores, estava trabalhando sua respiração, o que contribuiu para o relaxamento, permitindo que pegasse no sono.

Deixamos que ela ouvisse um pouco a música, para que se concentrasse, e depois iniciamos a técnica de relaxamento induzido:

“Imagine que você está em um caminho com muitas árvores bonitas. Algumas delas estão floridas. Perto dessas árvores a grama é macia, e você tem vontade de tirar o calçado para caminhar sobre ela e sentir sua maciez. Seguindo o caminho você percebe que existem muitas flores coloridas, pássaros e borboletas de várias espécies, e fica observando como esse lugar é lindo. Você continua caminhando e, de repente, vê uma casinha muito bonita, e percebe que a porta está entreaberta. Você sente vontade de entrar na casinha e olhar tudo o que tem dentro dela. De repente vê que, dentro da casinha, tem uma porta que está brilhando. Você vai até a porta e, como está muito curiosa para saber o que tem dentro, abre a porta, e vê que lá dentro tem algo muito especial, algo que você queria muito ter.”

Ao finalizarmos esta etapa, solicitamos que Bela abrisse os olhos lentamente.

Quando ela abriu os olhos, sentou espreguiçando-se, e comentou: *“Nossa, que lindo o que eu imaginei! Lá naquela porta, sabe, tinha uma coisa que eu sempre quis ter. Era um quarto cheio de quadros coloridos e a moldura deles brilhava muito.”* (Bela, 2014).

Prontamente pegou o lápis e começou a desenhar. Enquanto desenhava comentou: *“Eu não sei desenhar bonito, mas vou tentar desenhar pra você ver como era o lugar que eu imaginei.”* (Bela, 2014). Durante a vivência, fomos elogiando seu desenho, a fim de incentivá-la e fazer com que sentisse mais confiança em si. Percebemos que ela desenhava cuidadosamente cada detalhe, e às vezes fazia algum comentário sobre o que havia imaginado: *“Tinha uma cachoeira perto desse lugar, e muitos passarinhos voando no céu, cantando. Eu conseguia chamar os passarinhos, aí um deles veio pertinho de mim, com uma florzinha no bico, e colocou no meu cabelo. Eu parecia uma princesa.”* (Bela, 2014).

Quando já estava finalizando o desenho, Bela parou um pouco e disse: *“Quando eu venho aqui eu fico quente.”* (Bela, 2014). Perguntamos se isso era bom, e ela respondeu: *“Sim, muito bom.”* (Bela, 2014), mostrando o desenho finalizado.

Urrutigaray (2011, p.55) explica ainda que:

O fazer arte é terapêutico, porque proporciona integração de uma personalidade, mediante a aplicação de técnicas e práticas expressivas, que tanto facilitam a materialização de formas, doadas por conteúdos projetados, bem como permitem a identificação funcional das mesmas, já que possibilitam a sua integração, restituindo à personalidade os sentimentos acerca de si que estavam faltosos, dando ao sujeito que a utiliza como prática o deleite de desfrutar de si mesmo.

O sentimento que Bela traduz como “quente” é o resultado da aproximação com seu estado interior. A criança ainda não domina nossa linguagem, e o processo mental ainda não é elaborado de forma muito racional. O fazer arte estimula suas percepções, suas sensações, seus sentimentos, e, no momento que exterioriza essas emoções, transforma sua realidade e a si mesma.

Perguntamos se ela podia falar sobre a imagem e o que sentiu durante o relaxamento, e Bela comentou: *“Foi bom. Eu fui até a casinha, e quando entrei vi os quartos, a sala, a cozinha, e tinha uma portinha toda brilhante. Eu entrei e vi que era um quarto que tinha umas telas bem lindas que eu tinha feito, e tinha uma festa lá dentro com uma música que eu gostava de ouvir. Tudo era brilhante.”* (Bela, 2014).

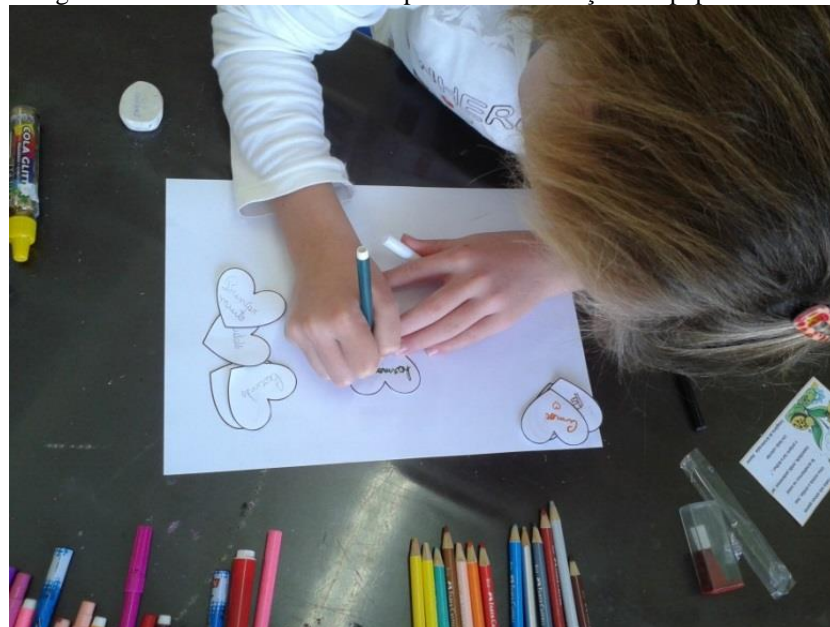
Fotografia 06. Desenho referente ao relaxamento induzido



Fonte: Acervo Particular (2014)

Na sequência, iniciamos a proposta do plantio de uma florzinha. Para começarmos a atividade, entregamos alguns corações de papel para que Bela escrevesse em cada um deles palavras que, para ela, alegrem o coração.

Fotografia 07. Atividade escrevendo palavras em corações de papel



Fonte: Acervo Particular (2014)

Bela se concentrou e escreveu as seguintes palavras: Amizade, brincar muito, cuidado, harmonia, carinho, fé, paixão e amor.

Fotografia 08. Palavras que alegram o coração.



Fonte: Acervo Particular (2014)

Assim que Bela terminou a escritura nos corações, iniciamos a decoração do vasinho e o plantio da flor.

Fotografia 09. Plantio de uma muda de flor.



Fonte: Acervo Particular (2014)

Durante o plantio da flor, perguntamos se ela já havia plantado flores. Bela comentou que não, mas que já havia plantado uma arvorezinha, e lembrou: *“Quando eu morava no interior tinha flores na minha casa, mas quando vim com minha mãe morar na cidade não tinha nenhuma florzinha. Acho que minha vó não gosta de flor.”* (Bela, 2014). Perguntamos por que achava que a vó não gostava de flores, e Bela fez uma expressão de aversão e respondeu: *“É porque meu vô e minha vó bebem muito. Eu não gosto deles!”* (Bela, 2014).

Os avós a quem Bela se refere são os avós maternos. Perguntamos se a mãe dela também bebia, e ela disse: *“Acho que não bebe. Pelo menos eu nunca vi quando eu morava com ela. Mas meu padrasto bebia bastante.”* (Bela, 2014). Perguntamos como era a convivência com a mãe e o padrasto, e se ela gostava de morar com eles. Bela disse: *“Eu não gostava, porque meu padrasto batia muito em mim. Eu ficava com tanta raiva que tinha vontade de dar um soco nele. Eu não incomodava, nem fazia nada, e ele vivia me batendo, às vezes com vara, outras de chinelo, cinta, o que ele achava primeiro.”* (Bela, 2014).

Comentamos que a bebida influencia na agressividade de algumas pessoas, porém Bela revidou: *“Mas quando ele não bebia, ele também não era bom.”* (Bela, 2014).

Seguiu com a atividade e continuou falando: *“Sabe, domingo meu pai me perguntou se eu gostava mais de morar com minha mãe verdadeira ou com a minha madrasta.”* (Bela, 2014). Perguntamos o que havia respondido. Ela explicou que preferia morar com a madrasta, porque ela não batia nela, não era tão ruim quanto a mãe, e também não a obrigava limpar toda a casa. Perguntamos se fazia os serviços domésticos no tempo que morou com a mãe e o padrasto. Bela respondeu que sim: *“Minha mãe e meu padrasto ficavam dormindo e eu tinha que limpar a casa inteira, e ainda cuidar dos meus irmãos.”* (Bela, 2014).

Bela ia relatando, durante o fazer artístico, os conflitos vivenciados com a família biológica. Demonstrava dor, raiva e rancor em sua fala, por causa da violência doméstica sofrida.

Perguntamos se gostava de morar na Casa Lar, e ela disse: *“Sim, lá tem regras e a gente precisa cumprir, mas agora eu tenho tempo pra brincar e ainda fazer um monte de atividades durante a semana. Com a arteterapia eu tenho todos os dias cheios. Um dia faço catequese, outro dança, arteterapia, atendimento com a psicóloga e vou ao kung fu. Ontem eu “aprontei”, e a Tia (educadora da casa) disse que eles iam me tirar da arteterapia se eu continuasse me comportando mal. Aí eu logo parei. Eu não quero parar de vim, porque é bom e eu fico feliz.”* (Bela, 2014).

Federizzi (2011, p. 69) explica:

O ponto principal das expressões artísticas está no sentido de ser um meio de comunicação verbal ou uma maneira de estabelecer possibilidades de comunicação. O objetivo terapêutico da atividade artística é o de tentar conduzir a pessoa para contornar suas dificuldades e, assim, superá-las.

Bela relatou o vínculo com o processo arteterapêutico. Esse sentimento de felicidade ao qual ela se refere surge através da relação dela, enquanto sujeito, com a forma criada. Esta

relação possibilita ao sujeito, pouco a pouco, enfrentar seus medos e incertezas, equilibrando seu “eu” interior.

Urrutigaray (2011, p.94-95) comenta que:

A utilização da arte como técnica terapêutica visa, exatamente, a motivar, orientar e estruturar o desenvolvimento do pensamento complexo, ou pensamento operatório formal na linguagem piagetiana, como atividade psíquica, capaz de considerar todas as influências recebidas pelo sujeito. Por meio do uso de técnicas expressivas, o indivíduo se disponibiliza a relacionar as influências externas (a forma criada) com as influências internas (o sujeito criador).

Por meio da relação entre “criador e criatura”, o indivíduo vai adquirindo a performance para enfrentar seu estado de confusão, fruto de suas ansiedades, incertezas e contradições, dimensionando, pouco a pouco, a si mesmo por meio de um processo interno de auto-organização.

Para finalizar, refletimos acerca da importância de alimentar a alma com boas energias, brincadeiras, carinho, amor, fazendo uma comparação com a flor que Bela havia plantado.

3.1.1.4 Colorindo a vida

No quarto encontro, recebemos Bela com um abraço e iniciamos as atividades desse dia propondo um relaxamento. Sugerimos que a participante deitasse nos colchonetes e deixasse o corpo leve. Princípios com a técnica de respiração ao som de uma música instrumental de flauta doce e ligamos uma fonte de água para deixar um clima ainda mais tranquilo.

Fotografia 10. Técnica de relaxamento



Fonte: Acervo Particular (2014)

Iniciamos uma massagem facial, que consiste em acariciar o queixo, bochechas, nariz, testa e sobrancelhas. Deslizamos a ponta dos dedos das mãos sobre o rosto de Bela, desde o queixo até a testa, levantando a pele de maneira suave e firme. A técnica de massagem facial ajuda a relaxar e eliminar ou diminuir as tensões que podemos ter acumuladas em nosso rosto. Durante o relaxamento, pedimos que Bela imaginasse que cor tinha a vida para ela.

Após o relaxamento, Bela sentou nos colchonetes e comentou que a massagem tinha sido muito boa, e que ela quase tinha pegado no sono.

Na sequência, entregamos uma cartolina branca e tinta guache colorida, para que materializasse no papel qual era a cor da vida para ela. Buscamos, com essa atividade, oferecer o contato com a criação. Propusemos a pintura com os dedos, a fim de que Bela vivenciasse uma expressão libertadora, criativa, deixando fluir seus sentimentos e emoções.

Fotografia 11. Pintura com guache a dedo



Fonte: Acervo Particular (2014)

Percebemos que, enquanto Bela pintava, às vezes sorria, outras vezes fazia caretas, em alguns momentos pintava utilizando cada ponta dos dedos com cores diferentes. Estava totalmente concentrada e vivenciando efetivamente a proposta.

Assim que ela terminou, perguntou se podia jogar um pouco do brilho em pó, de cor azul que estava disponível com os outros materiais.

Fotografia 12. Pintura com guache, a dedo, finalizada



Fonte: Acervo Particular (2014)

Pedimos para que Bela falasse um pouco sobre como foi fazer esse trabalho. Ela logo começou a falar: *“A vida às vezes tem cores claras e outras vezes cores escuras, mas aqui eu deixei um espacinho aberto, como se fosse uma portinha, porque sempre tem um espacinho pra gente fugir. E eu coloquei o brilho porque eu pensei que, quando eu jogasse o brilho no desenho, minha vida ia ficar brilhante.”* (Bela, 2014).

Bela conseguiu fazer uma reflexão profunda acerca do processo vivenciado, entrelaçando suas ideias com as cores e projetando, desse modo, seus conteúdos internos, trazendo à tona sua história de vida.

De acordo com Capri e Sartori (2009, p. 131):

A arte constitui instrumento básico para a promoção do desenvolvimento do pensamento criador. Na arteterapia, a arte se coloca como possibilidade para chegar à criação; por meio dela, o ser humano pode liberar as angústias, arriscando-se e improvisando, buscando novas alternativas para a solução de seus problemas.

Bela conseguiu expor seus aspectos internos através da criatividade, e em nenhum momento preocupou-se com a questão estética da arte. Materializou, por meio das cores e formas, sua realidade.

A próxima vivência foi a construção de uma mandala. Primeiramente explicamos que a mandala é considerada um círculo mágico ou sagrado, de cunho religioso, e que fez parte de muitos rituais, com o objetivo de movimentar a energia dos deuses.

Refletimos sobre o círculo e sua presença em nosso dia a dia em elementos naturais como o sol, a lua, a Terra que é redonda, o miolo das flores, entre outros.

Explicamos que, ao criar sua mandala, Bela estaria construindo seu próprio espaço sagrado, um lugar de proteção e boas energias. Bela entusiasmou-se com o conceito da mandala, dizendo que gostaria de colocá-la na parede do seu quarto, perto da sua cama.

Continuando a proposta, entregamos um papelão cortado na forma circular e pedimos que Bela escolhesse uma cor de sua preferência para pintá-lo. Ela escolheu a cor amarela, por lembrar a cor do sol.

Enquanto Bela pintava, organizamos bandejinhas com sementes de qualidades, cores e tamanhos diferentes, e solicitamos que agregasse uma palavra positiva para cada espécie de semente. Assim que finalizou a pintura, escolheu as sementes cuidadosamente, organizando-as de forma harmoniosa.

Fotografia 13. Mandala - Iniciando a montagem das sementes



Fonte: Acervo Particular (2014)

Assim que a mandala estava pronta, Bela olhou para ela com admiração e disse: *“Eu adoro vir aqui porque eu fico muito feliz. Sabe, parece que eu estou num sonho que eu não consigo acordar. É muito bom!”* (Bela, 2014).

Pedimos para Bela dar um nome para sua nova criação, e ela prontamente respondeu: *“O nome dela vai ser “A mandala da vida.”* (Bela, 2014).

Fotografia 14. Mandala da Vida



Fonte: Acervo Particular (2014)

Bela tem resgatado sua autoestima e descoberto muitas potencialidades até então não percebidas por ela. Capri e Sartori (2009, p. 130) explicam que “o ato criativo fortalece o ser humano a ter coragem e seguir em frente para superar a sensação de impotência, permitindo a fruição das ideias de modo original, tornando reais as virtudes e os valores, como forma de contribuir com o meio onde vivemos”.

O processo criativo proporcionou a projeção dos conteúdos internos, através de pensamentos, emoções e sentimentos vivenciados, facilitando a expressão do self.

3.1.1.5 Transformando as dificuldades em aprendizado

Bela chegou para o atendimento muito disposta. Como nos encontros anteriores, nos abraçamos e iniciamos a sensibilização com uma música instrumental - sons da natureza, realizando um relaxamento com técnica de respiração. Conduzimos a participante a visualizar seus potenciais internos, suas energias positivas, e os bons sentimentos que existem em sua mente como coragem, amor, alegria.

Sugerimos que Bela imaginasse uma luz brilhante entrando em sua cabeça e se espalhando por todo seu corpo, braços, mãos, tronco, pernas, e saindo lentamente pelos pés.

Na sequência, pedimos que imaginasse uma caixinha com chave, na qual pudesse trancafiar todas as coisas ruins que estão em seu coração.

Ao abrir os olhos, Bela relatou a sensação que teve: *“Imaginei uma luz colorida com diamantes e uma boa sensação de felicidade. Quando peguei as coisas ruins, tive uma*

sensação chata, mas depois parece que deu uma mágica no meu corpo, parece que saiu tudo aquilo de ruim que estava no meu coração. Não sei explicar.” (Bela, 2014).

Bela comentou que visualizou uma caixa preta, do tamanho de uma caixa de sapatos, com pernas, que a fez sentir medo. Entretanto, explicou que, quando quis colocar as coisas ruins dentro da caixa, teve a sensação de que uma mão entrava no seu corpo, tirando todas as coisas ruins e colocando-as dentro da caixa, a qual ela lacrou com um cadeado grande.

Podemos entender as imagens visualizadas por Bela como uma linguagem simbólica, considerando as influências culturais e suas subjetividades.

Ormezzano (2009, p.72) explica que:

O imaginário implica um processo ativo por meio do qual a imaginação cria imagens apreendidas anteriormente pela percepção, atualizando suas modalidades e articulando-as entre si. As construções imaginárias são o resultado de uma dinâmica organizada que exige uma compreensão simbólica.

Bela externou, por meio do seu imaginário, a simbolização de seus medos. A caixa preta com pernas foi algo que a assustou, contudo aliviou as dores quando trancou dentro da caixa o que tinha de ruim em seu coração. Destacamos a contribuição da arteterapia como uma forma de reagir diante do medo, aliviando o sofrimento e angústias da alma.

Após conversarmos sobre o que Bela havia vivenciado no relaxamento, iniciamos a atividade de pintura com nanquim soprado sobre papel branco. Bela foi orientada a soltar alguns pingos de nanquim sobre o papel, e depois soprar com um canudo o máximo que conseguisse. Explicamos que a mancha escura iria representar as dificuldades da vida.

Fotografia 15. Técnica de nanquim soprado



Fonte: Acervo Particular (2014)

Depois Bela deveria colorir o restante da folha com tinta aquarela, a fim de representar, por meio das cores, a superação das dificuldades.

Fotografia 16. Cartaz com nanquim soprado finalizada



Fonte: Acervo Particular (2014)

Assim que o trabalho estava concluído, perguntamos se Bela gostaria de falar acerca das sensações que obteve realizando esta vivência.

Bela disse que a mancha preta lembrava uma árvore, e que o colorido representava que esta árvore estava florida. Mencionou também ter percebido que a mancha preta era menor que a parte colorida, portanto, os problemas pareciam menores.

Urrutigaray (2011, p.27) comenta que “a arteterapia alcança sua meta como função terapêutica por permitir essa passagem de um conteúdo inconsciente, não assimilado, transmutado ou transformado em outro conscientizado”.

Conforme destaca Urrutigaray, foi possível perceber que a cada encontro as reflexões de Bela sobre suas vivências estavam cada vez mais profundas. Ela tinha conseguido relacionar espontaneamente o fazer artístico com as emoções que sentiu durante o processo.

Para a segunda proposta, entregamos quatro pedras brancas de jardim e explicamos que cada pedra iria representar uma palavra de superação. Bela poderia criar uma imagem que representasse cada palavra, colorindo, assim, as pedras.

Fotografia 17. Pintura das pedras brancas



Fonte: Acervo Particular (2014)

Fotografia 18. Pedras pintadas



Fonte: Acervo Particular (2014)

Fotografia 19. Quadro Finalizado



Fonte: Acervo Particular (2014)

Para finalizar o encontro, realizamos uma reflexão sobre as pedras que encontramos em nosso caminho e como podemos lidar com elas.

Durante a reflexão, Bela fez um comentário a respeito de sua mãe: *“Um dia briguei com minha mãe e falei que ela estava sustentando um vagabundo que não gostava de trabalhar (referindo-se ao padrasto). E ele ouviu. Então pegou um chinelo e me bateu em todas as partes do meu corpo, bateu no meu nariz e saiu sangue.”* (Bela, 2014).

Após o relato de Bela, conversamos com ela, fazendo uma relação com as atividades vivenciadas. Refletimos que todos os seres humanos passam por momentos difíceis. Todos nós encontramos pedras em nosso caminho. Às vezes elas são grandes e precisamos de ajuda; outras vezes são menores e conseguimos resolver sozinhos. Contudo, sempre existe uma saída para os problemas, como Bela (2014) mesmo disse na atividade de desenho soprado, “sempre há um espacinho pra gente fugir”. Para amenizar as dificuldades encontradas precisamos equilibrar nossos sentimentos, refletir sobre nossas ações e as ações das pessoas que fazem parte de nossa vida, buscando sempre acalmar nosso coração.

3.1.1.6 Simbolizando os sonhos

A oficina arteterapêutica organizada para o sexto encontro teve como objetivo ativar novas energias, ideias e sonhos, além de intensificar a harmonia entre espírito e matéria.

Neste dia, Bela chegou para o atendimento com uma expressão abatida. Percebemos que não estava tão animada como nos outros encontros. Nós a recebemos com um abraço e a conduzimos para a sensibilização, através de um relaxamento com música instrumental, sons de piano, e técnica de respiração.

Assim que finalizamos o relaxamento, explicamos que gostaríamos que Bela construísse um cartaz com imagens que representassem seus sonhos futuros.

Bela gostou da proposta e foi logo procurando imagens que pudessem representar seus desejos, escolhendo criteriosamente cada figura.

Assim que Bela finalizou a proposta, perguntamos o ela poderia falar sobre o cartaz. Bela explicou com tranquilidade: *“Quero ter um carro, muitas roupas e sapatos bonitos. Gostaria de conhecer artistas famosos como a Eliana, por exemplo. Quero ter uma boa profissão. Meu sonho é ser modelo. Às vezes brinco que estou desfilando. Quando eu crescer gostaria de viajar com meu marido e uma amiga especial. Quero ter uma filha e ter muitas jóias.”* (Bela 2014).

A intenção em confeccionar o colar foi o de criar um símbolo concreto, a fim de lembrar Bela dos seus desejos toda vez que surgisse um obstáculo na sua vida, obtendo, por meio deles, força para superá-los e seguir em frente.

A próxima atividade foi a construção de um amuleto. Primeiramente explicamos que os amuletos são objetos criados pelos nossos antepassados de diferentes culturas para trazer sorte, proteção e boas energias. Sugerimos que Bela construísse o seu próprio amuleto com palavras positivas, que pudessem fortificar sua alma. Bela mostrou-se interessada pela história e, com atenção, iniciou a construção do objeto.

Apresentamos três moldes com formas diferentes (círculo, losango e coração), fitas mimosas e tecidos coloridos. Bela deveria escolher um dos moldes para recortar dois pedaços de tecido, colando, em seguida, um sobre o outro, deixando um pequeno espaço aberto, pois preencheria o amuleto com sete palavras positivas que seriam escritas em bilhetinhos de papel.

Cada palavra seria representada por uma fita de cor diferente, que seriam utilizadas para decorar o objeto, objetivando a lembrança das palavras que estariam no interior do amuleto.

As palavras escolhidas por Bela foram: amor, representada pela cor rosa, que significa seu pai; felicidade, representada pela cor amarela, significando o irmão; amizade, representada pela cor alaranjada, significando sua melhor amiga; crescimento, representada pela cor azul; paz, representada pela cor branca; inteligência, representada pela cor vermelha; e solidariedade, representada pela cor verde.

Fotografia 22. Amuleto



Fonte: Acervo Particular (2014)

Durante a confecção do amuleto, Bela comentou sobre a última visita de seu pai, o qual lhe contou que a audiência de guarda dela e dos irmãos estava marcada para o próximo mês. Segundo Bela, o pai relatou que o juiz teria três opções: deixá-los morar com o pai, encaminhá-los para a avó materna, ou serem entregues para adoção.

Bela explicou que estava preocupada, pois, se fosse encaminhada para a casa da avó materna, preferia permanecer morando na casa Lar, porque a avó bebia e os maltratava. Disse ainda que o pai afirmou que, se o juiz decidisse enviá-los para adoção, ele se mataria.

Através da fala de Bela foi possível perceber sua preocupação e ansiedade para que fosse resolvida da melhor maneira possível a situação, e demonstrou medo de ser afastada da convivência dos seus irmãos e do pai. Perguntamos se ela havia conversado com mais alguém sobre o que o pai dissera, mas Bela respondeu que não, e que o pai havia pedido segredo sobre suas conversas, mas que ela havia comentado conosco pela amizade que tínhamos construído.

Conversamos com ela, a fim de acalmar seu coração, e percebemos que, depois de ter falado sobre o assunto, Bela ficou mais leve e tranquila, dando continuidade à atividade com mais alegria.

Ciornai (2004, p. 77) explica que “A arte também pode ser útil por funcionar como “objeto intermediário” entre cliente e terapeuta, ou entre uma pessoa e outras, ajudando a estabelecer relações e facilitando a comunicação”.

As atividades artísticas aproximam as pessoas pelo fato de trabalhar o lado sensível do ser humano, promovendo, dessa forma, uma ponte, que ajuda estabelecer a comunicação.

3.1.1.7 Cultivando a paz interior

No sétimo encontro, Bela chegou muito alegre e falante. Trocamos um abraço caloroso e iniciamos a sensibilização. Explicamos que iríamos começar com um relaxamento. Bela comentou: “*Adoro fazer o relaxamento, porque eu posso imaginar muita coisa bonita e brilhante.*” (Bela, 2014).

Conforme Arcuri (2004, p. 39), “As técnicas de relaxamento possibilitam o emergir de fantasias, tornando o indivíduo espectador de suas próprias vivências internas”.

Colocamos uma música instrumental de harpas e entregamos uma bandejinha com uma porção de sal. Pedimos para que Bela fechasse os olhos e sentisse com as suas mãos a sua textura, a leveza, e todo o envolvimento deste material.

Na sequência, entregamos giz escolar nas cores verde, azul, amarelo, rosa, vermelho e alaranjado, e solicitamos que a participante agregasse um sentimento para cada cor.

Assim que esta etapa foi finalizada, pedimos que fosse raspando uma cor por vez sobre o sal. Assim que cada cor tivesse sido raspada, Bela deveria colocá-la dentro de uma garrafinha. Pedimos que pensasse nos sentimentos que havia agregado para as cores durante o processo de raspagem.

Fotografia 23. Raspando giz colorido no sal



Fonte: Acervo Particular (2014)

Assim que Bela colocou todas as cores dentro da garrafinha, decorou a tampa e nomeou o objeto como Poção da Felicidade.

Fotografia 24. Raspando giz colorido no sal



Fonte: Acervo Particular (2014)

Durante a vivência, Bela raspou o sal em silêncio, ao som das harpas. Estava bastante concentrada. Respeitamos seu silêncio e observamos seu movimento corporal.

Os objetivos dessa atividade foram promover uma conexão com o Eu interior, cultivando bons sentimentos, e focalizar a liberação de energia por meio da ação e do movimento, estimulando e permitindo a descarga energética que emerge pela experiência presente.

Assim que a garrafinha estava finalizada, pedimos que bela falasse um pouco sobre as sensações, sentimentos e emoções que experimentou durante a vivência.

Bela comentou que, enquanto mexia no sal, lembrou-se da audiência e da sua preocupação com o resultado. Disse que sentiu medo. Mas explicou que, quando começou a raspar o giz colorido, ficou repetindo em pensamento palavras como força, coragem, alegria, paz, esperança e fé. E comentou: *“Estas palavras faziam bem pra mim.”* (Bela, 2014).

Percebemos que o pai de Bela tem falado muito sobre a audiência, e essas conversas tem deixado bela aflita, apreensiva, e com dificuldade para se concentrar.

3.1.1.8 Olhos de Deus

No oitavo encontro, recebemos nossa participante com um abraço carinhoso e direcionamos Bela para a sala onde realizaríamos o atendimento. Bela estava falante e um pouco inquieta neste dia. Antes de iniciarmos as atividades, ela comentou sobre a audiência que estava se aproximando. Disse que a mãe queria a guarda dos dois irmãos, e isso estava deixando-a preocupada, pois não queria ficar longe deles e tampouco queria que voltassem para casa da mãe. Preferia que todos pudessem ficar juntos, e com o pai.

Explicamos que Bela podia ficar tranquila, que o juiz iria decidir aquilo que era melhor para eles. Certamente não permitiria que vivessem em um ambiente que não fosse saudável para eles.

Ouvindo o conselho, Bela explicou: *“O Mano (padrasto) é muito mau, mas muito mau mesmo. Ele tem várias passagens pela polícia.”* (Bela, 2014). Perguntamos o que ele fazia de ruim quando moravam juntos. Ela respondeu: *“Ah, ele sempre batia em nós. Eu odeio ele.”* (Bela, 2014). Percebemos que nesse dia ela queria falar sobre o assunto. Então permitimos que expressasse o que a estava incomodando.

Perguntamos se, além de bater, o padrasto fez mais alguma coisa que a incomodava. Bela ficou agitada e sua respiração ficou ofegante. Ficou um pouco em silêncio e disse: *“Ele fez mais coisas, mas eu não gosto de falar.”* (Bela, 2014).

Explicamos que, se ela não se sentisse confortável em falar, não tinha problemas. Mas que seria importante que ela conversasse sobre o assunto com algum adulto em quem confiasse, para que esta pessoa a orientasse e ajudasse, caso fosse necessário.

Ligamos o som com música instrumental para iniciarmos um relaxamento, e quando íamos propor a técnica de respiração, Bela falou: *“Teve um dia que minha mãe levou meu irmãozinho no médico. Eu e minha irmã ficamos em casa com o “Mano” (Padrasto), e aí ele passou a mão naquele lugar de menina. Depois fui pra fora brincar, acabei me sujando e fui tomar banho. Depois que eu tomei banho, ele me mandou deitar na cama e fez de novo. Aí eu consegui sair correndo.”* (Bela, 2014). Perguntamos se isso aconteceu com a irmã também, e Bela respondeu: *“Sim, ela era menor e não tinha força para fugir. Nesse dia eu e ela chamamos a polícia e fizemos um Boletim de Ocorrência contra ele, e contamos tudo para a polícia. Foi aí que fomos morar com meu pai. O “Mano” tem várias passagens pela polícia, porque estuprava velhinhas e bate na minha mãe.”*

Bela seguiu a conversa perguntando: *“Você acha que eu e meus irmãos vamos ser separados? Não quero ficar longe deles. Estou fazendo a cabeça da minha irmã pra ela não aceitar ir com a mãe. Eu fico lembrando ela de como era morar lá, e fico dizendo que, se o juiz perguntar com quem ela quer morar, ela tem que dizer que quer ficar com o pai.”* (Bela, 2014).

Explicamos que existe uma lei especificamente destinada à proteção de crianças e adolescentes, conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente, que impede a separação de vínculos fraternais.

Assim dispõe o §4º do artigo 28 do Estatuto da Criança e do Adolescente (incluído pela Lei de Adoção), Lei Nº 8.069 (BRASIL, 1990, p.s/p):

Os grupos de irmãos serão colocados sob adoção, tutela ou guarda da mesma família substituta, ressalvada a comprovada existência de risco de abuso ou outra situação que justifique plenamente a excepcionalidade de solução diversa, procurando-se, em qualquer caso, evitar o rompimento definitivo dos vínculos fraternais.

Comentamos ainda que ela poderia perguntar para os responsáveis da Casa Lar sobre este assunto, pois eles iriam explicar, de acordo com a situação da família dela, como o juiz iria proceder. Bela entendeu, fazendo um gesto positivo com a cabeça e demonstrando mais calma com relação à dúvida da separação dos irmãos.

Perguntamos se Bela havia contado para mais alguém sobre a violência que sofria, e ela disse que só contou para a polícia, mas que não contou tudo. E explicou: *“Se o juiz me*

chamar eu vou contar tudo o que minha mãe e meu padrasto faziam. Vou falar tudinho, das vezes que eles bateram em nós e no meu irmão. Eles vão ver.” (Bela, 2014).

Perguntamos se ela havia conversado sobre o assunto com a psicóloga que atende na Casa Lar, e ela respondeu que não. Desse modo, orientamos Bela a conversar com algum adulto da casa, pois eles tinham força para protegê-la. Explicamos que, se ela contasse toda a verdade, o resultado da audiência poderia ser como ela esperava. Ouvindo o conselho, Bela comentou: *“Então amanhã, depois do atendimento com a psicóloga, vou chamar a Tia e vou falar pra elas duas.”* (Bela, 2014). Também orientamos para que contasse se algo tivesse acontecido na casa do pai e da madrasta, porque os adultos só poderiam proteger ela e os irmãos se falassem a verdade. Bela ficou um pouco silenciosa e disse: *“Mas a minha madrasta nunca me bateu. Meu pai não me mandou pra a Casa Lar. Foi o Conselho Tutelar que veio me buscar. Eu não queria ir.”* (Bela, 2014).

Perguntamos quem foi que chamou o Conselho Tutelar, e ela respondeu: *“É que foi assim: Eu fui pra escola de blusa de manga longa e com gola alta pra ninguém ver meu pescoço. Como era um dia quente, meus colegas e a professora começaram me perguntar um monte de coisas, até que a professora viu um queimado no meu pescoço. Ela chamou outras pessoas e todo mundo fez um monte de perguntas. Aí, na segunda de noite, o Conselho Tutelar veio na casa do pai buscar a gente.”* (Bela, 2014).

Perguntamos como ela havia queimado o pescoço. Bela explicou que o fogão ficava perto de uma janela. Ela sentou próximo ao fogão e, distraída, encostou o pescoço no ferro quente.

Existem famílias que, além de não oferecerem um ambiente saudável para os filhos, ainda promovem ações que trazem danos físicos e psicológicos, tolhendo o processo natural de crescimento dos mesmos.

Como cita Lygia Maria Pereira da Silva, no livro *Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes* (2002, p.20):

No Brasil, atualmente, a violência exercida por pais ou responsáveis contra suas crianças e adolescentes é considerada pelo Ministério da Saúde como um problema de saúde pública de tamanha expressividade que a Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências deste Ministério determina como devem ser tratadas e notificadas as ocorrências deste fenômeno, endossando as preocupações daqueles que, em função das atividades que exercem, deparam-se cotidianamente com seus efeitos e consequências.

Bela estava aflita, e esse sentimento estava relacionado ao medo do resultado da audiência. Quanto mais o dia se aproximava mais apreensiva ficava. Em suas visitas o pai falava sobre o assunto, o que a deixava ainda mais atormentada.

Depois dessa longa conversa, iniciamos as vivências arteterapêuticas, a fim de proporcionar o contato com suas necessidades vitais, auxiliando no desenvolvimento de potenciais de superação, equilíbrio, harmonia, realização, saúde e felicidade.

Colocamos música para relaxamento e iniciamos uma técnica de respiração. Na sequência, solicitamos que Bela escolhesse um novelo de lã, imaginando que ele era um objeto carregado de boas energias. Mantendo os olhos fechados ela deveria passá-lo em cada parte do seu corpo, com o intuito de inundar esses lugares com energias positivas.

Esse foi um momento muito especial. Conforme Bela ia se concentrando, percebíamos que ela escolhia determinados lugares para colocar o objeto. Passou primeiro no coração, depois no rosto, e colocou em cima da cabeça. Em seguida passou várias vezes pelas pernas, iniciando dos pés até a metade da coxa. Para finalizar, solicitamos que abrisse os olhos lentamente.

Fotografia 25. Sensibilização com novelo de lã



Fonte: Acervo Particular (2014)

Após a sensibilização, perguntamos como Bela estava se sentindo, e ela respondeu: *“Imaginei que de dentro do novelo saía uma luz muito forte, que brilhava como se fosse de ouro. Quando eu encostava ele no meu corpo, o lugar ficava todo iluminado, e umas luzes brilhantes giravam ao redor. Isso me fazia ficar calma e parecia que me dava força. Foi muito bom”*. (Bela, 2014).

Ao terminar o relaxamento, iniciamos a construção de um amuleto de proteção chamado “Olho de Deus”. Falamos sobre a importância de acreditarmos em uma força maior e pedirmos proteção, para que a vida tenha um sentido de amor, fé e esperança.

Prosseguindo a vivência, ensinamos Bela a tecer os fios de lã. Contando brevemente a história do objeto, explicamos que antigamente, no México, os "olhos de Deus" representavam os olhos dos deuses, e os mexicanos acreditavam que o objeto servia como um amuleto de proteção aos recém-nascidos. Para construir o objeto, cruzavam-se bastões de madeira e tecia-se uma estrela para cada ano de vida da criança. Este procedimento era realizado até a criança completar cinco anos, pois, a partir de então, ela já poderia confeccioná-lo sozinha, direcionando seus pedidos aos deuses. O número de cores utilizado indicava a idade da criança.

Bela iniciou seu “Olho de Deus” com muito interesse pela história que o mesmo carrega. Orientamos para que, ao tecer o miolo, pedisse algo que almejasse alcançar.

Fotografia 26. Construção do “Olho de Deus”



Fonte: Acervo Particular (2014)

Então ela fechou os olhos e ficou alguns segundos em silêncio.

Comentou que seu pedido era muito especial, e que ia tecer o objeto com muito cuidado, para que este fosse realizado.

Fotografia 27. “Olho de Deus” finalizado



Fonte: Acervo Particular (2014)

Percebemos, no decorrer do processo, que Bela foi ficando mais calma e confiante, e construiu o objeto com muita habilidade e concentração.

Segundo Urrutigaray (2011, p. 83):

Por meio da atualização do processo criativo, dado pela possibilidade de realizar “algo novo”, como elemento modular presente em todo ato de criar, a utilização dos recursos da Arteterapia favorece o processo pelo qual os problemas, conflitos e acontecimentos particulares são significados a partir da compreensão desta nova forma criada. A materialização, proporcionada pelas formas surgidas, propicia o confronto com realidades subjetivas não conscientizadas, apesar de atuadas nos comportamentos emitidos.

Arcuri (2004, p. 38) também explica que o relaxamento é importante, pois colabora para uma “quebra” do estado emocional anterior; “nesse primeiro contato, o sujeito pode se abrir a uma nova experiência e a redimensionar o seu olhar para o ser e o estar no mundo”.

O processo arteterapêutico envolve o ser humano a ponto de extrair ou aliviar a dor que está escondida aos nossos olhos.

3.1.1.9 Ouvindo contos e modelando a vida

No nono encontro, recebemos Bela e, como de costume, nos cumprimentamos com um abraço. Os objetivos desse encontro eram direcionar a atenção da participante para a sua realidade interna, psíquica, favorecendo o autoconhecimento através da exploração das fantasias, ideias e do imaginar, e facilitar a expressão, liberando emoções reprimidas, conflitos internos, medos, fobias, diminuindo a ansiedade e melhorando o equilíbrio físico e mental.

Iniciamos as atividades acendendo algumas velas perfumadas e colocando na mesa uma folha de papel A3 e areia colorida. E, para deixar o ambiente mais harmonioso, utilizamos uma música instrumental.

Explicamos sobre os quatro elementos da natureza, sua importância e a influência positiva que eles têm em nossa vida. Bela ouviu atentamente e comentou já ter conhecimento da existência dos quatro elementos da natureza através um trabalho realizado na escola.

Enquanto a música tocava, solicitamos que Bela fizesse a técnica de respiração com os olhos fechados, e imaginasse seu corpo envolto por uma luz amarela, que faria com que ela se sentisse protegida e feliz.

Fotografia 28. Técnica de relaxamento



Fonte: Acervo Particular (2014)

Ainda em concentração, pedimos que espalhasse sobre o papel um pouco de cola branca. Depois, que se deixasse mobilizar pela música e pegasse pequenos punhadinhos de areia colorida com a mão e fosse soltando sobre a cola molhada, criando uma imagem no papel.

Fotografia 29. Areia colorida sobre o papel



Fonte: Acervo Particular (2014)

Fotografia 30. Desenho/colagem a partir da emoção provocada pela música



Fonte: Acervo Particular (2014)

Assim que a vivência foi finalizada, perguntamos para Bela se gostaria de comentar algo sobre a atividade. Ela disse que a sensação que teve foi muito boa. *“Era como se as cores se movimentassem e estavam todas misturadas.”* (Bela, 2014).

A música empregada com cunho terapêutico proporciona infinitas possibilidades, despertando energias que se encontram adormecidas.

Na atividade realizada com Bela, a música foi utilizada como instrumento de mobilização psíquica.

Victório (2008, p. 79) diz:

Através do ritmo pulsante e organizador, a música pode oferecer uma possibilidade de equilíbrio interno que se verificará nas atitudes de uma pessoa. Por exemplo, um cliente que esteja vivendo um momento conturbado, com múltiplas preocupações, ansioso, terá, provavelmente, o seu pulso interno tão descompassado quanto o seu momento de vida. Este poderá ser evidenciado na sua produção plástica através da utilização de cores fortes e traços descontínuos, agitados, por um lado, ou por traços muito fracos e cores extremamente suaves, se em estado depressivo. Ambas as situações apontam para um desequilíbrio que, por sua vez, poderá ser constatado nas palpitações irregulares do seu coração, na sua respiração descontínua e, mesmo, no seu caminhar oscilante.

Os sons possuem um caráter lúdico de grande importância. Além de proporcionar prazer, possuem a capacidade de estimular e harmonizar componentes psíquicos, reduzindo níveis de ansiedade, motivando, energizando, trazendo o bem estar e conscientizando o indivíduo.

Prosseguindo, iniciamos uma vivência a partir da contação da história de João e Maria. Entregamos alguns materiais, como uma caixa de sapato, massa de modelar, palitos, flores de tecido, pedrinhas, etc.

Após ouvir a história, Bela deveria escolher a parte da história que mais gostou e representa-la, por meio da modelagem.

Fotografia 31. Modelagem a partir de um conto



Fonte: Acervo Particular (2014)

Assim que Bela estava finalizando a modelagem, comentou: *“Parece que nem fui eu que fiz de tão bonito que está ficando. Hoje foi tão bom!”* (Bela, 2014).

Urrutigaray (2011, p.68-69) nos auxilia na compreensão, destacando que o uso da massa de modelar “viabiliza o desenvolvimento da coordenação motora, a expressão da imaginação e produz sensações, principalmente nas crianças, da realização de algo mágico, pois, de uma bolinha, pode-se ter uma cobra, um pato, uma caixa, etc”.

Perguntamos como Bela se sentiu enquanto modelava, e ela explicou que a última vez que tinha usado massinha de modelar ainda estava no jardim, mas que hoje ela estava feliz, pois já não lembrava mais de como era bom brincar com massa de modelar.

Sobre a história, Bela gostou das ideias que João teve para marcar o caminho, e por isso havia representado a parte da história em que os irmãos estavam na floresta e avistaram a casa da bruxa.

3.1.1.10 Fortalecendo as amizades

Para iniciarmos nosso décimo e último encontro, explicamos que faríamos um relaxamento em forma de uma brincadeira chamada “Como o chefe mandar”. Explicamos que iríamos fingir que seríamos ser o chefe, e que Bela precisaria seguir tudo o que disséssemos.

Bela sorriu, fazendo um sinal positivo, demonstrando entusiasmo. Colocamos uma música para relaxamento e pedimos que Bela deitasse sobre os colchonetes, a fim de iniciarmos a proposta:

1. *Imagine que tem uma margarida em uma das suas mãos e um fósforo aceso na outra. Sinta o perfume da flor. Inspire bem forte, porque o perfume é fraquinho, mas bem devagarzinho para aproveitar o perfume. Vire-se para a outra mão e sobre para apagar o fósforo. Vamos repetir mais três vezes.*
2. *Levante a sobrançelha o mais alto que puder, como se quisesse atingir o céu. Agora solte-a de uma vez.*
3. *Solte os braços. Vamos fingir que eles estão paralisados e tem uma mosca voando perto do seu rosto. Aí vem ela! Aperte os olhos com força e enrugue o nariz. Agora solte-os de uma vez. Agora ela pousou na sua testa. Enrugue bem forte a testa, tentando esmagá-la entre as rugas.*
4. *Agora vamos tirar uma foto: aperte bem forte os dentes, e sorria o mais que puder;*
5. *Agora vamos fingir que você está andando na floresta e encontrou um elefante cor-de-rosa. NOSSA! UM ELEFANTE COR-DE-ROSA!!! Abra a boca, assustando o mais que puder.*
6. *Agora finja que está dormindo. Solte todo o seu rosto... bem soltinho e levinho.*
7. *Agora imagine que a ponta do seu nariz se tornou um pincel. Imagine uma cor para pintar, a cor que você mais gosta. O mais devagarzinho que puder, tente pintar um círculo com o pincel, só mexendo a cabeça. Leve o pincel para frente e para trás com a cabeça (2 ou 3 vezes).*
8. *Imagine uma árvore cheia de laranjas. Levante-se e se estique o máximo que puder para pegar a laranja mais alta do pé. Faça isso com as duas mãos.*
9. *Agora, sente-se de novo, e faça seu corpo ficar todo mole, como se fosse uma maria mole bem molenga!*
10. *Agora vamos fingir que a laranja que você pegou está cortada no meio, e vamos fazer suco. Aperte a laranja com força, até não ficar nenhuma gotinha. Aperte forte!!! Agora, de repente, deixe-a cair da sua mão. Faça isso com as duas mãos. Agora eu quero ver se você consegue apertar a laranja com os dedos dos pés! Vamos tentar? Aperte forte!! Agora, deixe-a cair de novo.*
11. *Agora você vai fingir que é uma tartaruga, que está tranquila na floresta. De repente você sente um perigo. O Sr. Lobo está por perto. Coloque sua cabeça para dentro da carapaça, e tente subir os ombros como se fossem tocar suas orelhas. Abaixar a cabeça entre os ombros. Fique aí!! Espere! O Sr. Lobo está indo embora. Mais um pouquinho e....UFA!!! Pode sair. Ele já foi!*
12. *Imagine que você ainda está na floresta tirando uma soneca. De repente, um urso enorme e atrapalhado pisa no seu estômago, mas seu estômago é muito forte e consegue aguentar. Faça com que seu estômago fique duro como uma pedra! Aperte bem nele! Fique assim. Espere. Parece que ele está indo embora. Solte e relaxe o estômago. Ai, ai, aiiiiii..... Aí vem ele outra vez na sua direção, se prepare, aperte seu estômago. Agora espere...espere...Pronto! Ele foi embora de uma vez. Pode relaxar.*
13. *Ande com todo corpo bem durinho, como se fosse um robozinho. Acabou a pilha do robô, caia com o peito pra frente e solte os braços. Deixe-os bem soltinhos!*

14. *Agora vamos deitar no chão. Dobre as pernas em cima da barriga e finja que seus joelhos são uma pessoa que você gosta muito e que é importante pra você. Abrace os joelhos com muita força e carinho. Agora solte-os. Continue deitada e se espreguice bem forte.*¹

Assim que terminamos, pedimos para Bela sentar-se na cadeira perto da mesa, ela levantou sorrindo e dizendo o quanto havia gostado da atividade. Durante o relaxamento Bela vivenciou os personagens, ria e fazia carretas, demonstrando animação.

A primeira proposta para este encontro teve como objetivo fortalecer a criatividade, equilíbrio, a saúde física e também emocional, além de fortalecer laços de amizade.

Dissemos que iríamos confeccionar uma mandala com cera. Explicamos o seu significado místico e entregamos um copo descartável com água, lantejoulas, glitter de diversas cores e velas coloridas. Pedimos a Bela que pensasse em uma pessoa especial, poderia ser aquela que ela havia abraçado durante o relaxamento, e que, durante a produção artística, ela deveria fazer um pedido de proteção para esta pessoa.

Iniciamos a construção da pequena mandala através de respingos das velas coloridas sobre o copo com água.

Fotografia 32. Técnica com cera



Fonte: Acervo Particular (2014)

¹ Relaxamento adaptado para crianças - Elaborado pela psicóloga Bruna de Moraes Aguiar (CRP 08/12450). Disponível em: [http://www.iacep.com.br/pdf/textos-cotidianos/Relaxamento%20para%20Crian%C3%A7as%20\(Bruna%20M%20Aguiar\).pdf](http://www.iacep.com.br/pdf/textos-cotidianos/Relaxamento%20para%20Crian%C3%A7as%20(Bruna%20M%20Aguiar).pdf)> Acesso em 06 junh. 2014.

Depois de formada uma pequena camada de cera sobre a água, solicitamos que Bela decorasse a mesma com os materiais que estavam disponíveis ao lado dela.

Fotografia 33. Técnica mandala com cera



Fonte: Acervo Particular (2014)

Bela estava bastante concentrada e decorou a peça com muito cuidado. Mostrava-se radiante com os materiais, manejando-os com habilidade. Assim que concluiu a mandala, explicamos que poderia presentear a pessoa na qual havia pensado e pedido proteção com a lembrancinha confeccionada por ela.

Ela demonstrou alegria, dizendo: *“Ficou tão lindo! Estou achando que virei uma artista! Vou chamar essa mandala de “mandala brilhante!””* (Bela, 2014) . Bela estava orgulhosa de si mesma. Ficou evidenciada uma melhora crescente da sua autoestima em função das propostas arteterapêuticas trabalhadas.

Para finalizar esta etapa, propusemos a confecção de uma caixinha, com papel duplex, para colocar o presente confeccionado. Explicamos que a caixinha iria valorizar a peça, além de sugerir um mistério sobre o que ela guardava.

Fotografia 34. Mandala com cera



Fonte: Acervo Particular (2014)

Fotografia 35. Caixa para Mandala em dobradura

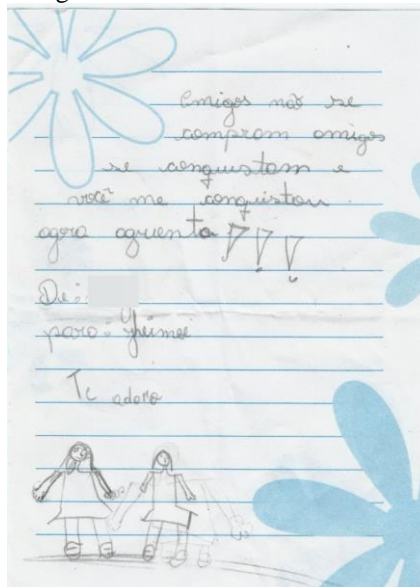


Fonte: Acervo Particular (2014)

Bela estava tão entusiasmada com seu trabalho que foi logo pegando os materiais que estavam dispostos na mesa para a construção da caixa. Com atenção e agilidade, seguiu o passo a passo e construiu a caixa.

Assim que Bela finalizou a caixinha apressou-se em colocar a mandala dentro. Fechou com cuidado e perguntou com ansiedade quando ela iria poder presentear a pessoa especial. Respondemos que ela poderia decidir o momento certo, pois era a criadora da peça. Ela sorriu, se aproximou, e, com o olhos brilhantes e um sorriso tímido, entregou a caixinha em nossas mãos, dizendo: *“Quero dar pra você a minha “mandala brilhante”. Você fez a minha vida ser mais colorida! E eu tenho mais um presente que fiz pra você em casa.”* (Bela 2014). E tirou do bolso da calça uma folha com a seguinte frase: *“Amigos não se compram amigos se conquistam e você me conquistou. Agora aguenta!!!”*.

Fotografia 36. Carta de Bela



Fonte: Acervo Particular (2014)

Durante o processo, Bela mostrou-se confiante, desenvolvendo a atividade com criatividade e espontaneidade. O uso da arte como terapia torna-se importante para melhorar a

autoestima da criança, aumentar seu potencial criativo e imaginativo, melhorar a confiança em si mesma.

Dando sequência, a próxima proposta foi uma oficina de Cupcake.

O objetivo de fazer um cupcake era o de criar algo, observando o processo da realização - começo, meio e fim, relacionando o processo com nossa vida, evidenciando a capacidade pessoal, estimulando cada vez mais a vontade de realizar sonhos e objetivos. Iniciamos a receita da massa. Bela deveria fazer a mistura dos ingredientes, seguindo cada passo, um de cada vez.

Bela adorou a proposta, e foi logo colocando os ingredientes na batedeira.

Fotografia 37. Misturando ingredientes



Fonte: Acervo Particular (2014)

Enquanto Bela media os ingredientes, comentamos que, para fazer um bolo, primeiramente temos que escolher uma receita, depois misturar os ingredientes corretamente, e então assá-lo, cuidando para não passar do ponto, para, finalmente, comê-lo.

Conforme Carrieri (2004, p.101):

A arteterapia visa promover o indivíduo, na sua qualidade de vida, na mudança de perspectiva de um olhar para si, no equilíbrio, no discernimento, na sanidade psíquica, no despertar de uma consciência maior. Trabalha-se de uma forma a não agredir nem invadir o indivíduo. Trabalha-se no respeito ao ser, mobilizando sentimentos que ajudarão o indivíduo a responsabilizar-se por si, por sua atitude diante da vida.

Comentamos sobre a importância de seguir o processo - o começo, o meio e o fim, comparando com situações da nossa vida. A vida tem um começo, um meio e um fim. O início é o nosso nascimento, o meio é a nossa vida, que é feita de momentos bons, de alegria, e também de dificuldades. Para chegarmos ao fim e alcançarmos nossos sonhos, precisamos cuidar de nosso corpo e de nossa alma.

Bela ficou pensativa. Então comentamos que o bolo é formado por ingredientes que, se consumidos sozinhos, são ruins, mas quando misturados na medida certa, forma um delicioso bolo. Na vida também passamos por momentos difíceis (ingredientes), contudo, se tivermos confiança, força, amor, paciência, conseguimos superar as dificuldades. Precisamos unir os sentimentos bons todos os dias para vivermos bem.

Bela ouviu com atenção a reflexão e comentou: *“Sabe, até nos momentos de dificuldade tem coisa boa. Se eu não tivesse na Casa Lar eu nunca teria vindo aqui e aprendido tanta coisa legal.”* (Bela, 2014).

Percebemos com essa fala que Bela era muito inteligente e estava compreendendo o que estávamos querendo explicar.

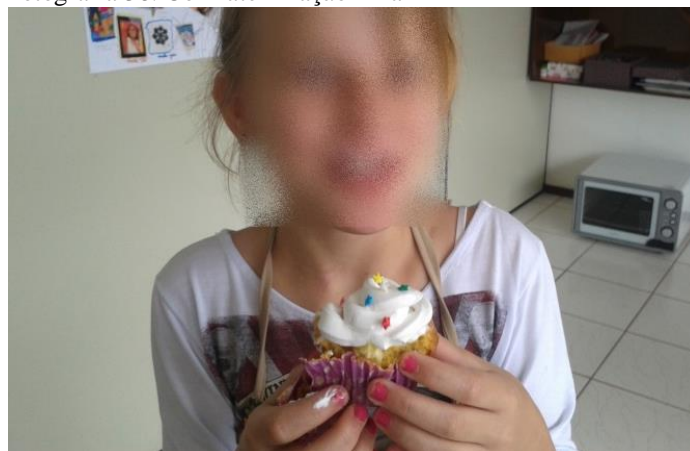
Depois que os bolinhos estavam assados, propusemos que Bela os decorasse, pensando em como desejava que fosse sua vida.

Bela comentou, enquanto decorava os bolinhos, que gostaria que a vida fosse doce e colorida, mas entendia que também dependia dela para as coisas darem certo.

Carrieri (2004, p.101) explica que “a arteterapia não dirige, ela oferece a oportunidade para o outro descobrir seu caminho. Não há regras nem controle, o processo é único e de cada pessoa”.

Bela estava radiante. O fato de ter feito os bolinhos do início ao fim, vê-los crescer, e depois decorá-los, foi para ela uma experiência única. Dizia que não acreditava que tinha sido ela que tinha feito, e que pareciam bolinhos comprados na padaria. A experiência fez Bela perceber-se capaz.

Fotografia 38. Confraternização Final



Fonte: Acervo Particular (2014)

Finalizamos o encontro degustando os cupcakes, como uma forma de comemoração pelos encontros, conversando sobre todas as emoções vividas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo sobre a caminhada desse trabalho, percebemos que as pesquisas e os estudos realizados para sua construção foram muito desafiadores e, ao mesmo tempo, enriquecedores para nosso crescimento tanto pessoal como profissional. Com o auxílio de nossos professores, como mediadores desse processo, percorremos novos caminhos, enfrentando muitos desafios para que pudéssemos engrandecer nossos conhecimentos acerca da Arteterapia.

Em busca de respostas para nossas indagações e inquietações, mergulhamos no universo dos livros, a fim de entender qual a importância da Arteterapia para o ser humano e como as vivências pela arte poderiam contribuir e promover o bem-estar das crianças e adolescentes.

A elaboração da fundamentação teórica foi uma etapa importante na pesquisa, pois, por meio dela, obtivemos um vasto conhecimento acerca do que os autores pensam e sabem sobre a Arteterapia, oferecendo-nos maior clareza sobre o assunto e segurança para a organização e desenvolvimento do plano de intervenção.

O processo de estágio foi uma experiência marcante. No início, uma sensação de inquietude nos acometeu, pois estávamos cientes de que a responsabilidade de trabalhar com uma criança afastada do seu convívio familiar era muito grande, e adentrar na sua vida cotidiana exigiria um olhar acolhedor. Estávamos diante de um ser que precisava ser compreendido na sua totalidade. Jung (1983) aponta-nos que compreender o ser humano na sua totalidade significa um processo que envolve a capacidade de sentir, de olhar, da postura corporal, dos gestos, dos momentos de atenção e de tensão, em que o visível e o invisível se mesclam. Portanto, precisaríamos ter uma atenção e um cuidado todo especial para obtermos sucesso na aplicação das vivências.

Nos primeiros encontros nossa participante apresentou-se um pouco tímida, sua autoestima estava baixa, não penteava o cabelo e não tinha muito cuidado com sua imagem, seu semblante era triste e seu olhar estava sem brilho.

Bela foi uma menina que sofreu situações que agrediram sua essência de menina. Conforme apontamos nos relatos, durante todo o processo arteterapêutico revelou suas dores, seus sofrimentos, seus medos, manifestando os efeitos nefastos que a violência havia causado em sua vida. Demonstrou também, por meio das vivências artísticas, uma preocupação constante com a situação em que se encontrava, relacionada ao fato de estar morando na Casa Lar, às conversas com o pai durante suas visitas, e com a decisão do juiz sobre sua tutela.

Percebemos que o medo de voltar a morar com a mãe ou ser separada dos irmãos lhe assombrava diariamente, deixando-a assustada, ansiosa e inquieta pelas lembranças que atormentavam sua alma.

As vivências arteterapêuticas contribuíram de maneira significativa nesse processo. Bela conseguiu estabelecer uma relação entre o ato criativo e os materiais utilizados com seus conteúdos internos. A partir desse momento utilizou essa forma criativa de expressão para materializar suas emoções, sentimentos de felicidade e alegria, como também de angústia, medos e traumas, extravasando-os de forma natural através da arte, e, conseqüentemente, desprendendo-se de sensações incômodas, muitas vezes desconhecidas.

O contato com os materiais artísticos estimularam também sua autoestima e a autoconfiança, pois, no decorrer dos encontros, “Bela” começou a olhar para si mesma, passou a perceber que sua capacidade era maior do que imaginava, surpreendendo-se várias vezes consigo mesma, sentindo-se orgulhosa dos trabalhos que conseguia desenvolver.

Percebemos que a Arteterapia pode ajudar efetivamente as pessoas, pois ela envolve o ser humano a ponto de extrair e aliviar a dor que está escondida aos nossos olhos.

A partir dos resultados obtidos no estudo de campo, compreendemos que as vivências arteterapêuticas podem contribuir de forma significativa para a melhora da qualidade de vida de seus participantes, beneficiando no bem-estar físico, cognitivo e emocional.

A Arteterapia abriu um caminho para Bela compreender o que estava acontecendo em sua vida, auxiliando-a na busca por um equilíbrio emocional. As reflexões realizadas durante o processo sobre sua própria história foram muito interessantes. Aos poucos Bela foi acalmando seu coração, revelando um mundo de fantasias, sonhos e desejos, aliviando as tensões emocionais e aumentando sua capacidade para lidar com as situações traumáticas vividas.

Os resultados das vivências nos surpreenderam, e podemos dizer que os objetivos propostos no plano de intervenção foram alcançados satisfatoriamente.

O processo de estágio foi extraordinariamente especial e revelador, tanto para nossa participante como para nós, enquanto pesquisadoras, pois, a partir desta experiência, compreendemos a importância de ouvir, de perceber o outro com um olhar mais sensível e amoroso, de ser paciente e compreensivo durante todo o processo, ajudando a participante a desenvolver técnicas artísticas sem interferir diretamente em suas produções. A transformação não aconteceu somente com Bela, mas conosco também, pois construímos novos saberes e percebemos uma mudança significativa em nossa forma de ver e compreender o ser humano em sua essência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCURI, Irene. (org) **Arteterapia de Corpo e Alma**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990.

CAPRI, Júlia Ivana; SARTORI, Jerônimo. **Arte e Arteterapia: uma relação com o desenvolvimento da criatividade**. In: ORMEZZANO, Graciela (Org.) **Questões de Arteterapia**. 3 ed. Passo Fundo: ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.

CARRIERI, Vera Lúcia. **Corpo, Movimento e Expressão: uma experiência através da arteterapia com deficientes auditivos**. In: ARCURI, Irene. (org). **Arteterapia de Corpo e Alma**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

CIORNAI, Selma (org.) **Percursos em Arteterapia: Arteterapia e Educação, Arteterapia e Saúde**. São Paulo: Summus, 2005.

_____, Selma (org.) **Percursos em Arteterapia: Ateliê Terapêutico, Arteterapia no Trabalho Comunitário, Trabalho Plástico e Linguagem Expressiva e Arteterapia e história da arte**. São Paulo: Summus, 2004.

_____, Selma. (org). **Percursos em Arteterapia: Arteterapia Gestáltica, Arte em Psicoterapia, Supervisão em Arteterapia**. São Paulo: Summus, 2004.

COLAGRANDE, Claudia. **Arteterapia na Prática: diálogos com a Arte-Educação**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

FEDERIZZI, Roberta Bassani. **Quando a arte chega àqueles que estão à margem de tudo e longe de muitos**. In: ORMEZZANO, Graciela (Org.). **Educar com Arteterapia: propostas e desafios**. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia da Pesquisa-Ação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n.3, p. 483-502, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a11v31n3.pdf>>. Acesso em: 16/04/2014.

MAFFESOLI, Michel. **A Contemplação do Mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MINAYO, Maria. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: e. Vozes, 1999.

NOGUEIRA, Cláudia Ranaldi. **Recursos Artísticos em Psicoterapia**. In: CIORNAI, Selma (org.) **Percursos em Arteterapia: Arteterapia Gestáltica, Arte em Psicoterapia, Supervisão em Arteterapia**. São Paulo: Summus, 2004.

ORMEZZANO, Graciela.(org) **Educar com Arteterapia: propostas e desafios.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

ORMEZZANO, Graciela. **Educação Estética, Imaginário e Arteterapia.** Rio de Janeiro: Wak, 2009.

_____.**Sobre a imagem visual e o imaginário.** In: ORMEZZANO, Graciela (Org.) Questões de Arteterapia. 3 ed. Passo Fundo: ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.

OSTROWER, Fayga. **A Sensibilidade do Intelecto.** 9 ed. Rio de Janeiro:Campus/ Elsevier, 1998.

PAÍN, Sara. **Os Fundamentos da Arteterapia.** Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

PHILIPPINI, Angela. **Para Entender Arteterapia: cartografias da coragem.** 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008.

_____, Ângela. **Arteterapia: Métodos, Projetos e Processos.** Rio de Janeiro: Wak, 2009.

SILVA, Lygia Maria Pereira da. **Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes.** Recife: EDUPE, 2002.

URRUTIGARAY, Maria Cristina. **Arteterapia: a transformação pessoal pelas imagens.** E ed. Rio de Janeiro:Wak, 2011.

VALLADARES ,Ana Claudia Afonso. **Possibilidades de avaliação em arteterapia: o que se deve buscar, o que se deve olhar?.** In: ORMEZZANO, Graciela (Org.) Questões de Arteterapia. 3 ed. Passo Fundo: ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.

VICTÓRIO, Márcia. **Impressões Sonoras.** 1 ed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2008.